

Presidente do CRB Nacional participou da festa dos Continentes, que marcou o encerramento do curso dos missionários estrangeiros em missão no Brasil

Por Neusa Santos



A

presidente do CRB Nacional, Irmã Maria do Disterro Rocha, acompanhada por algumas de suas assessoras, participou da *Festa dos Continentes*, realizada no dia 28 de novembro de 2025, no Centro Cultural Missionário (CCM), em Brasília. O evento marcou o encerramento do curso dos missionários estrangeiros que vêm ao Brasil para realizar missão, concluindo sua formação na dimensão linguística, cultural e missionária do país, por meio do CENFI 128 – Centro de Formação Intercultural.

A celebração reuniu missionários de diversos continentes, formadores, colaboradores e convidados, criando um ambiente vibrante de fraternidade, marcado por apresentações culturais, danças típicas e partilhas gastronômicas que evidenciaram a riqueza das diferentes nacionalidades presentes.

Durante sua participação, a presidente destacou a importância da etapa formativa oferecida pelo CCM para os missionários que chegam ao Brasil. Ela ressaltou que “a preparação linguística e a imersão cultural são fundamentais para que a missão aconteça com proximidade, escuta e sensibilidade pastoral”.

A equipe do CCM agradeceu a presença da liderança da CRB Nacional, enfatizando que o apoio institucional fortalece o trabalho formativo e valoriza o esforço dos missionários que iniciam sua missão no país. A participação da presidente foi recebida como um gesto de comunhão, acolhimento e incentivo.

A presidente manifestou gratidão pelo convite e destacou que a Festa dos Continentes simboliza a alegria de viver a missão em fraternidade, reconhecendo a diversidade como dom e oportunidade de crescimento para a vida consagrada no Brasil.

Fonte: CRB

Leão XIV: Líbano, aqui a paz é um desejo e uma vocação

Em seu discurso às autoridades libanesas, o Papa ressaltou que “o compromisso e o amor pela paz não conhecem o medo diante das aparentes derrotas, nem se deixam abater pelas desilusões, mas sabem olhar para o futuro, acolhendo e abraçando todas as realidades com esperança”. “A paz é saber viver juntos, em comunhão, como pessoas reconciliadas”, disse Leão XIV, sublinhando “o papel indispensável das mulheres no árduo e paciente esforço de preservar e construir a paz”.

Mariangela Jaguraba - Vatican News

O Papa Leão XIV iniciou, neste domingo (30/11), a segunda etapa de sua primeira viagem apostólica internacional que o leva ao Líbano.

O Pontífice chegou a Beirute onde encontrou-se com as autoridades, os representantes da sociedade civil e o Corpo diplomático, no Palácio Presidencial. O Papa iniciou o seu discurso com as seguintes palavras:

“É uma grande alegria encontrar-vos e visitar esta terra onde “paz” é muito mais do que uma palavra: aqui a paz é um desejo e uma vocação, é um dom e um canteiro sempre aberto.”

A obra da paz é um contínuo recomeçar



Recordando as palavras de Jesus, «Felizes os que promovem a paz», o Santo Padre refletiu sobre o que significa ser promotor de paz "em circunstâncias muito complexas, conflituosas e incertas". Ressaltou uma qualidade que distingue os libaneses: **"Sois um povo que não sucumbe e que, diante das provações, sabe sempre renascer com coragem"**.

"A vossa resiliência é uma característica imprescindível dos autênticos promotores da paz: realmente, a obra da paz é um contínuo recomeçar. O compromisso e o amor pela paz não conhecem o medo diante das aparentes derrotas, nem se deixam abater pelas desilusões, mas sabem olhar para o futuro, acolhendo e abraçando todas as realidades com esperança. É preciso tenacidade para construir a paz; é preciso perseverança para cuidar e fazer a vida crescer."

Uma sociedade civil vivaz, bem formada, rica em jovens

Portanto, falar a "língua da esperança", aquela que sempre permitiu os libaneses de recomeçar, num mundo em que "uma espécie de sentimento de impotência e pessimismo parece ter levado a melhor: as pessoas parecem já nem sequer conseguir perguntar-se o que podem fazer para mudar o rumo da história".

"Sofrestes muito as consequências de uma economia que mata, da instabilidade global – que também no Levante tem repercussões devastadoras –, bem como da radicalização das identidades e dos conflitos; mas sempre quisestes e soubestes recomeçar."

"O Líbano pode orgulhar-se de uma sociedade civil vivaz, bem formada, rica em jovens capazes de expressar os sonhos e as esperanças de todo um País", frisou o Papa. "Que vos ajude também o profundo laço de afeto que une tantos libaneses espalhados pelo mundo ao seu país", sublinhou.

Recomeçar através do árduo caminho da reconciliação

A seguir, o Pontífice falou sobre a segunda característica dos que promovem a paz: **eles sabem recomeçar sobretudo através do árduo caminho da reconciliação**. "Existem feridas pessoais e coletivas que para poderem cicatrizar exigem longos anos, às vezes gerações inteiras. Se não forem tratadas, se não se trabalhar, por exemplo, na cura da memória, na aproximação entre aqueles que sofreram ofensas e injustiças, dificilmente se alcançará a paz", disse ainda o Papa Leão.

De acordo com o Santo Padre, "não há reconciliação duradoura sem uma meta comum, sem uma abertura para um futuro em que o bem prevaleça sobre o mal sofrido ou infligido, no passado ou no presente".

A paz é saber viver juntos, em comunhão

Segundo o Papa Leão, "uma cultura da reconciliação não nasce apenas de baixo, da disponibilidade e da coragem de alguns, mas precisa de autoridades e instituições que reconheçam o bem comum como superior ao bem parcial".

"A paz é, na verdade, muito mais do que um sempre precário equilíbrio entre aqueles que vivem separados sob o mesmo teto. A paz é saber viver juntos, em comunhão, como pessoas reconciliadas. Uma reconciliação que, além de nos fazer conviver, nos ensinará a trabalhar juntos, lado a lado, por um futuro partilhado. Estamos inseridos juntos num desígnio que Deus preparou para que nos tornemos uma família."

Sangria de jovens e famílias

A terceira característica dos que promovem a paz é que **"eles ousam permanecer, mesmo quando isso implica sacrifício"**.

"Sabemos que a incerteza, a violência, a pobreza e muitas outras ameaças produzem aqui, como em outros lugares do mundo, uma sangria de jovens e famílias que procuram um futuro melhor noutro lugar, mesmo com grande dor por deixarem a sua pátria. Temos de reconhecer que muito de positivo chega-vos dos Libaneses espalhados pelo mundo. No entanto, não devemos esquecer que permanecer na pátria e colaborar dia após dia para o desenvolvimento da civilização do amor e da paz continua sendo algo muito apreciável."

O Papa sublinhou que "a Igreja não se preocupa apenas com a dignidade daqueles que se deslocam para países diferentes do seu, mas deseja que ninguém seja obrigado a partir e que todos aqueles que o desejem possam regressar em segurança".

De acordo com o Pontífice, "a mobilidade humana representa uma imensa oportunidade de encontro e de enriquecimento mútuo, mas não apaga o vínculo especial que une cada um a determinados lugares, aos quais deve a sua identidade de uma forma totalmente peculiar. E a paz cresce sempre num contexto vital concreto, feito de laços geográficos, históricos e espirituais. É preciso encorajar aqueles que os favorecem e promovem, sem ceder a localismos e nacionalismos. Na Encíclica *Fratelli tutti*, o Papa Francisco indicava este caminho".

O papel das mulheres na construção da paz

Leão XIV convidou a se perguntar sobre o que fazer para que os jovens não se sintam obrigados a abandonar a sua terra. De acordo com o Pontífice, "cristãos e muçulmanos, com todos os componentes religiosos e civis da sociedade libanesa, são chamados a fazer a sua parte nesse sentido e a comprometer-se em sensibilizar a Comunidade internacional sobre o assunto".

"Neste contexto, gostaria de sublinhar o papel indispensável das mulheres no árduo e paciente esforço de preservar e construir a paz. Não esqueçamos que as mulheres têm uma capacidade específica de promover a paz, porque sabem conservar e desenvolver laços profundos com a vida, com as pessoas e com os lugares. A participação delas na vida social e política, bem como na vida das suas comunidades religiosas, à semelhança da energia que emana dos jovens, representa em todo o mundo um fator de verdadeira renovação. Portanto, felizes as pacificadoras e os jovens que permanecem ou que regressam, para que o Líbano continue sendo uma terra cheia de vida."

Paz, um caminho movido pelo Espírito

O Papa concluiu, ressaltando que o povo libanês é um "povo que ama a música, que, nos dias de festa, se transforma em dança, linguagem de alegria e comunhão". Um traço da cultura libanesa que nos ajuda "a compreender que a paz não é apenas o resultado de um esforço humano", mas "um dom que vem de Deus e que, antes de mais nada, habita no nosso coração". "É como um movimento interior que se derrama para o exterior, permitindo-nos ser guiados por uma melodia maior do que nós mesmos: a do amor divino", disse ainda Leão XIV.

"Assim é a paz: um caminho movido pelo Espírito, que coloca o coração em escuta e o torna mais atento e respeitoso para com o outro. Que cresça entre vós este desejo de paz que nasce de Deus e pode transformar, já hoje, a maneira de olhar para os outros e de habitar juntos esta Terra que Ele ama profundamente e continua a abençoar."

Fonte: Vatican News

Os libaneses dão as boas-vindas a "Baba Lawun"

Uma calorosa recepção marcou a chegada de Leão XIV, "Baba Lawun" em árabe - a Beirute, capital libanesa, segunda e última etapa da primeira viagem apostólica do Pontífice.

Bianca Fraccalvieri - de Beitute

"Baba Lawun" está no Líbano! Depois de 13 anos, o País dos Cedros volta a acolher um Pontífice e a visita é providencial. Estamos a cerca de 100km de Damasco, capital da Síria, e a mesma distância até o norte de Israel. Isso revela um pouco o contexto e a importância desta segunda etapa da viagem apostólica do Papa Leão.

Se na Turquia a ênfase foi para o ecumenismo e o dialogo inter-religioso, em Beirute o tema central é a paz, como contido no lema da visita: "Bem-aventurados os pacificadores".

O Líbano enfrenta uma das piores crises econômicas da história moderna, com inflação e uma desvalorização dramática da moeda local. Há falta de serviços: frequentes quedas de energia, escassez

de medicamentos e combustível. Une-se a isso a corrupção estrutural e a presença no território de aproximadamente dois milhões de refugiados, entre sírios e palestinos - o que representa cerca de um terço da população, agravando as tensões sociais.



Na ausência do Estado, instituições religiosas, sobretudo aquelas ligadas à Igreja Católica, desempenham um papel vital no apoio à população.

O anfitrião do Pontífice, Beatitude Card. Béchara Boutros Raï, Patriarca Maronita, assim comenta esta visita: "O Santo Padre traz consigo as dimensões espirituais, as dimensões morais, e não vem de mãos vazias, vem cheio de dons espirituais e morais. Para mim, este é um apelo pessoal, a cada um de nós libaneses, um apelo para mudar, para virar página e abrir uma nova, a página da paz, da esperança. Não podemos viver como se nada tivesse acontecido. O Papa vem, as cerimônias são realizadas, a recepção é feita, ele vai embora, tudo volta ao ponto anterior. Não, esperemos que os libaneses reflitam um pouco e apreciem o valor desta visita, porque o Santo Padre sabe que o Líbano está passando por um momento muito, muito crítico".

O regime democrático e o pluralismo confessional distinguem o Líbano de todos os países do Oriente Médio. De fato, os primeiros eventos de Leão XIV são dedicados às instituições políticas, com a cerimônia de boas-vindas no aeroporto, a visita ao presidente do país, Joseph Aoun, que, segundo a Constituição, deve ser sempre um cristão maronita. Depois, é a vez do presidente da Assembleia Nacional, Nabih Berri, e do encontro com o primeiro-ministro, Nawaf Salam. Deste modo, o Papa terá se reunido com os representantes dos três pilares do sistema confessional libanês: maronita, xiita e sunita.

O último compromisso será o encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático, ocasião em que pronunciará seu primeiro discurso no Líbano.

Fonte: Vatican News

Papa: a Turquia tem um papel importante para a paz no Oriente Médio e na Ucrânia

No voo de Istambul para Beirute, Leão XIV conversou com os jornalistas a bordo. Ele agradeceu à Turquia pela acolhida, especialmente ao governo por garantir que a visita tivesse um grande êxito. Em seguida, respondeu a perguntas de dois jornalistas turcos sobre o diálogo com Erdogan e as guerras em Gaza e na Ucrânia, e confirmou a ideia de uma viagem das comunidades cristãs a Jerusalém para os dois mil anos da Redenção, em 2033.

Vatican News

“Boa tarde! Boa tarde a todos!” No voo de Istambul para Beirute, segunda etapa de sua primeira viagem apostólica internacional, o Papa Leão XIV cumprimentou de surpresa os 81 jornalistas a bordo do voo papal: “Estou feliz em cumprimentá-los, espero que tenham tido dias agradáveis na Turquia (Türkiye), assim como eu. Acho que foi uma experiência maravilhosa”. Em seguida, agradeceu ao país que o acolheu e a todos aqueles que tornaram possível a visita de três dias e respondeu a perguntas de dois jornalistas turcos. Uma em particular sobre as perspectivas de paz em Gaza, para a qual reiterou a solução dos dois Estados. Quanto à Ucrânia, invocou o diálogo e o cessar-fogo e sublinhou o possível papel de mediação da Turquia.



Leão XIV responde às perguntas dos jornalistas no voo de Istambul para Beirute (@Vatican Media)

Como sabem, o principal motivo da viagem à Turquia foi o aniversário de 1700 anos do Concílio de Niceia. Realizamos uma magnífica celebração, muito simples, mas profunda, no local de uma das antigas basílicas de Niceia, para comemorar o grande evento do acordo de toda a comunidade cristã e a profissão de fé, o Credo Niceno-Constantinopolitano. Além disso, celebramos vários outros eventos. Gostaria de expressar minha gratidão a todos pelo trabalho realizado para preparar a visita, começando pelo nuncio, a equipe, e todo o grupo de Roma que cuidou da organização. Mas agradeço especialmente ao governo da Turquia, ao Presidente Erdoğan e às muitas pessoas que ele disponibilizou para garantir o bom andamento da viagem: seu helicóptero particular, todos os meios de transporte, a organização e a presença de ministros em vários momentos importantes. Considero que foi um grande êxito.

Fiquei muito feliz por viver os diferentes momentos com as diferentes Igrejas, com as diferentes comunidades cristãs, com as Igrejas ortodoxas, que culminaram esta manhã com a Divina Liturgia com o Patriarca Bartolomeu, que foi uma celebração maravilhosa. Espero que todos vocês tenham vivido a mesma experiência.

Baris Seçkin (Anadolu Ajansı): No início de sua viagem papal, o senhor fez referência à paz mundial e regional. Nesse sentido, qual é o seu comentário sobre o papel da Turquia para alcançar e manter a paz regional e mundial, e quais foram as suas discussões com o presidente Erdogan sobre esse assunto?

Ao vir para a Turquia, e agora para o Líbano, havia naturalmente um tema especial, que era ser um mensageiro da paz, querer promover a paz em toda a região. A Turquia possui muitas qualidades desse ponto de vista: é um país de maioria muçulmana e também tem a presença de numerosas comunidades cristãs, uma pequena minoria, e também pessoas de outras religiões são capazes de viver em paz. É um exemplo, eu diria, daquilo que todos nós estamos buscando no mundo inteiro. Além das diferenças religiosas, além das diferenças étnicas, além de muitas outras diferenças, as pessoas podem viver em paz. A própria Turquia teve em sua história vários momentos em que nem sempre foi capaz de fazer isso, e o fato de já ter vivido essa experiência e de ter podido conversar também com o presidente Erdogan sobre a paz penso que seja um elemento importante, um elemento digno de nota da minha visita.

Seyda Canepa (NTV): Santidade, com o presidente Erdogan, além das declarações oficiais, vocês falaram sobre a situação em Gaza, visto que o Vaticano e a Turquia têm a mesma visão sobre a solução de dois povos, dois Estados? Sobre a Ucrânia, o Vaticano mais de uma vez destacou o papel da Turquia, começando pela abertura do corredor de grãos no início do conflito. Então, o senhor vê esperanças por uma trégua na Ucrânia e por um processo de paz mais rápido em Gaza neste momento?

Certamente falamos sobre as duas situações. A Santa Sé já há vários anos apoia publicamente a proposta da solução de dois Estados. Todos sabemos que, neste momento, Israel ainda não aceita essa solução, mas nós a vemos como a única solução que poderia oferecer uma saída para o conflito que vivem continuamente. Somos também amigos de Israel e buscamos, com ambas as partes, ser uma voz mediadora que possa ajudar a aproximar-nos de uma solução com justiça para todos. Falei sobre isso

com o presidente Erdogan; ele certamente concorda com essa proposta. A Turquia tem um papel importante que poderia desempenhar nisso.

O mesmo vale para a Ucrânia. Já alguns meses atrás, com a possibilidade de diálogo entre as partes — Ucrânia e Rússia —, o presidente ajudou muito a convocar as duas partes. Infelizmente, ainda não vimos uma solução, mas hoje novamente há propostas concretas para a paz. E esperamos que o presidente Erdogan, com sua relação com o presidente da Ucrânia, da Rússia e dos Estados Unidos, possa ajudar, nesse sentido, a promover o diálogo, o cessar-fogo e encontrar maneiras de resolver esse conflito, essa guerra na Ucrânia.

Ele me sugere (referindo-se ao diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni) que eu diga uma palavra depois da importante reunião ecumênica em Niceia e depois, ontem de manhã, falamos sobre futuros encontros possíveis. Um poderia ser no ano 2033, dois mil anos da Redenção, da Ressurreição de Jesus Cristo, que evidentemente é um evento que todos os cristãos desejam celebrar. A ideia foi acolhida; ainda não fizemos o convite, mas existe a possibilidade de celebrar, por exemplo, em Jerusalém, em 2033, este grande evento da Ressurreição. Há anos ainda para prepará-lo. Mas foi um encontro muito bonito, porque cristãos de diferentes tradições estiveram presentes e puderam também participar nesse momento. Obrigado. Saúdo a todos, boa viagem! Fonte: Vatican News

Leão XIV se despede da Turquia e parte para o Líbano



Às 15h01 (horário local) deste domingo, o avião com Leão XIV a bordo decolou rumo a Beirute. O Pontífice permanecerá no País dos Cedros até terça-feira, 2 de dezembro.

Vatican News

Às 15h01 (horário local), o Airbus A320neo da ITA Airways, transportando o Papa Leão XIV, decolou do Aeroporto Internacional Atatürk de Istambul com destino a Beirute, capital do Líbano, onde o Pontífice permanecerá até terça-feira, 2 de dezembro, como parte de sua primeira Viagem Apostólica.

Os 4 dias do Papa na Turquia

A visita de quatro dias do Pontífice à Turquia (Türkiye) chega ao fim. Entre outros, a visita incluiu a comemoração, juntamente com o Patriarca Bartolomeu e os líderes e representantes das Igrejas cristãs do mundo, do 1700º aniversário do primeiro Concílio Ecumênico da história, realizado em Niceia, atual Iznik. Uma celebração sóbria e solene, realizada sobre as ruínas da antiga Basílica de São Neófito, durante a qual Leão XIV exortou a superar "o escândalo das divisões", promovendo a "unidade".

Leão XIV foi o quinto Pontífice a visitar a Turquia, após Paulo VI em 1967; João Paulo II em 1979; Bento XVI em 2006 e Francisco em 2014.

A acolhida no Líbano

No aeroporto de Beirute, que leva o nome do ex-primeiro-ministro Rafiq Hariri, assassinado juntamente com sua equipe de segurança em um ataque em 14 de fevereiro de 2005, o Papa será recebido pelo núncio Apostólico e pelo chefe do Protocolo do Líbano. Fonte: Vatican News

Líbano, o "país-mensagem" que Leão XIV visita

"O Líbano é mais do que um país, é uma mensagem", disse João Paulo II, em razão da riqueza das comunidades que o compõe. Durante sua visita, em 1977, ele recordou a vocação histórica do Líbano como terra de encontro, diálogo e colaboração entre diversas comunidades religiosas e

culturais. Reiterou que o Líbano não poderia ser abandonado, não apenas pelo sofrimento de seu povo, mas também pelo valor universal de seu patrimônio espiritual e cultural.

Vatican News

O Líbano tem uma população entre 5,8 e 6 milhões de habitantes (com base em dados de 2024 e estimativas mais recentes), distribuída em uma área de 10.452 km². O país é considerado muito povoado devido à sua pequena extensão territorial, com uma densidade de cerca de 555,6 habitantes por km². A maioria da população é urbana e concentrada ao longo do litoral mediterrâneo, com a capital, Beirute, abrigando uma grande parte dos habitantes.

Apesar de ter uma taxa de natalidade positiva, o país enfrenta uma alta taxa de emigração, ao mesmo tempo que recebe um grande número de refugiados. Historicamente, muitos libaneses emigraram, especialmente para o Brasil e a Argentina, criando uma diáspora significativa. Estima-se que existam mais pessoas de ascendência libanesa fora do Líbano do que dentro do país.

História

A antiga pátria dos fenícios, que se estabeleceram no território da cadeia de montanhas que lhe deu o nome, Líbano (do aramaico *laban*, "branco", em referência aos seus picos nevados), tem sido, durante séculos, uma encruzilhada de civilizações, povos e religiões, particularmente entre o cristianismo e o islamismo, levado pelos árabes no século VII. Ao longo da sua história, tendo servido de refúgio para minorias ameaçadas ou perseguidas no Médio Oriente, esta pequena nação com vista para o Mediterrâneo oriental é um mosaico de comunidades étnicas e religiosas, das quais o Estado reconhece oficialmente 18 denominações..

Anexado ao Império Otomano no século XVI, após a Primeira Guerra Mundial, o Líbano tornou-se um Mandato Francês, juntamente com a Síria, conquistando a independência em 1943. Foi durante o domínio francês que foram lançadas as bases do singular sistema político e religioso do Líbano, que continua a reger a vida política e social do país até hoje, mais de um século após o nascimento do "Grande Líbano" em 1920. Desde o início, a República Libanesa foi, de fato, uma democracia baseada numa rígida distribuição de cargos e poder, fundamentada no peso demográfico de cada grupo religioso, num contexto em que os cristãos eram então maioria. Esse sistema permaneceu em vigor mesmo após a independência, quando entrou em vigor o chamado "Pacto Nacional" (1943), um acordo verbal entre cristãos e muçulmanos segundo o qual o cargo de presidente seria confiado a um cristão maronita, o de primeiro-ministro a um muçulmano sunita e o de presidente da Câmara dos Deputados a um muçulmano xiita.

A história do Líbano após a independência foi caracterizada por períodos alternados de estabilidade política e prosperidade econômica, e crises internas, ligadas às limitações do sistema político-religioso, mas sobretudo aos conflitos do pós-Segunda Guerra Mundial no Oriente Médio, a começar pelo conflito árabe-israelense, que levou ao fluxo maciço de refugiados palestinos que se estabeleceram no País dos Cedros após a criação do Estado de Israel (1948).

A forte presença de refugiados palestinos e militantes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que fizeram do Líbano sua base de operações a partir do início da década de 1970, esteve na raiz das crescentes tensões que culminaram na Guerra Civil Libanesa de 1975 (1975-1990), que causou aproximadamente 150.000 mortes e deixou uma profunda cicatriz na memória coletiva. Mais do que uma "guerra civil", como é comumente definida, foi uma sucessão de conflitos sobrepostos entre numerosos contendores nacionais e regionais (Síria, Israel e Irã), com frequentes inversões de alianças e o surgimento de novas forças políticas, notadamente o Hezbollah xiita (pró-iraniano), uma milícia formada após a invasão israelense do Líbano (1982).

O conflito terminou em 1990, após a assinatura, em 22 de outubro de 1989, em Taif, Arábia Saudita, do "Documento de Entendimento Nacional" (Acordos de Ta'if). Este acordo, além do desarmamento de todas as milícias libanesas e da retirada das tropas sírias em dois anos, também previa o reequilíbrio da balança de poder estabelecida pelo Pacto Nacional de 1943, por meio de uma divisão igualitária de assentos entre cristãos e muçulmanos e da redução das prerrogativas do Presidente da República (cristão maronita) em favor do Primeiro-Ministro (muçulmano sunita). Os Acordos foram seguidos pela assinatura, em 1991, de um Tratado de Fraternidade, Cooperação e Coordenação entre o Líbano e a Síria, que legitimou a presença síria no Líbano como "garantidora" da paz.

Embora os Acordos de Ta'if tenham ajudado a pôr fim aos combates e a iniciar a reconstrução do país, não resolveram as questões subjacentes que continuaram a alimentar as tensões políticas

internas e regionais nos últimos anos e, conseqüentemente, a estabilidade e a paz no Líbano. Entre elas, destacam-se: a contínua interferência da Síria, cujas forças se retiraram do país apenas em 2005, após a chamada "Revolução dos Cedros", desencadeada pelo assassinato do primeiro-ministro sunita Rafiq al-Hariri (14 de fevereiro de 2005); a presença incômoda das milícias pró-Irã e pró-Síria do Hezbollah, as únicas, juntamente com o Amal, que não se desarmaram e que se tornaram um verdadeiro Estado dentro do Estado, causando confrontos recorrentes com Israel; e a questão palestina não resolvida no Líbano.

Acima de tudo, os Acordos de 1989 "paralisaram" o sistema do país e fomentaram uma divisão da sociedade e a alocação de seus recursos com base em afiliações religiosas, resultando em corrupção generalizada. A corrupção endêmica e a má governança, em um contexto de iminente crise econômica, estiveram precisamente na raiz dos protestos pacíficos que eclodiram em outubro de 2019, envolvendo principalmente jovens. As manifestações, em sua maioria suprapartidárias e distantes da racionalidade sectária ou religiosa que sempre caracterizou a vida política libanesa, levaram à queda do governo liderado por Saad al-Hariri em novembro de 2019. Contudo, não conseguiram promover as mudanças e reformas desejadas, precipitando ainda mais a crise econômica, política e institucional. Essa situação foi exacerbada pela pandemia de COVID-19 e pela devastadora explosão no porto de Beirute em 4 de agosto de 2020.

A guerra entre o Hezbollah e Israel, que começou em 7 de outubro de 2023 (com as primeiras represálias na fronteira libanesa) e se intensificou com a escalada subsequente e a operação israelense, pode ter terminado com um acordo recente, mas as tensões e os confrontos permanecem esporádicos. Não obstante o acordo assinado no final de novembro de 2024, Israel continua a atacar o sul do Líbano, onde opera a força de paz da ONU, UNIFIL. A trégua permanecerá apenas no papel até a implementação da Resolução 1701 da ONU, que Israel há muito exige como condição prévia para o fim das hostilidades e que também foi incluída no recente acordo. A Resolução 1701 exige a retirada de todas as forças do Hezbollah e sua infraestrutura ao norte do rio Litani, o curso d'água que corre a aproximadamente 20 a 30 quilômetros da fronteira com Israel.

A capital Beirute

O nome provavelmente tem origem cananeia (*bi'rot*: plural de bir, "poço"), referindo-se aos aquíferos subterrâneos. Originalmente localizada entre duas colinas, Ashrafieh e Musaytbeh, hoje reconfigurada pelas construções, a cidade forma um promontório com vista para o mar, constituindo uma península triangular com a Baía de São Jorge ao norte.

Já mencionada em crônicas egípcias do segundo milênio a.C. e renomada pelas atividades de marinheiros e comerciantes fenícios, a cidade obteve o status de colônia romana em 14 a.C., sendo chamada de Colônia Julia Augusta Felix Berytus. Sua Escola de Direito contribuiu ainda mais para sua fama entre os séculos III e VI. Destruída por uma série de terremotos e um tsunami em 551, a cidade ainda estava em ruínas quando os conquistadores muçulmanos chegaram em 635. A Primeira Cruzada chegou à cidade em 1110. Com a expulsão definitiva dos cruzados em 1229, Beirute passou para o domínio dos mamelucos, tornando-se o principal porto regional para o comércio de especiarias com as Repúblicas Marítimas de Veneza e Gênova.

Ocupada pelos otomanos em 1516, sua população cresceu gradualmente com sua importância comercial e o êxodo em massa de refugiados cristãos que fugiam dos massacres nas montanhas libanesas em 1860. A pacificação da cidade pelas grandes potências foi seguida pela chegada de missionários: protestantes (Grã-Bretanha, Estados Unidos e Alemanha) e católicos, principalmente da França. Missionários evangélicos estadunidenses fundaram a Universidade Americana de Beirute em 1866, enquanto os jesuítas construíram a Universidade de São José em 1881.

Ao final da Primeira Guerra Mundial e após a derrota do Império Otomano, o Líbano tornou-se um Mandato Francês. Em 1920, Beirute foi proclamada capital do Líbano, tornando-se a sede das instituições públicas. Após a independência em 1943, e graças a um clima de abertura intelectual e uma economia liberal, transformou-se em um centro regional de comércio, negócios, finanças e turismo, o que lhe valeu o apelido de "Suíça do Oriente Médio".

A expulsão dos guerrilheiros palestinos da Jordânia em setembro de 1970 marcou um ponto de virada na história moderna do país. Os quartéis-generais políticos e militares palestinos foram transferidos para o Líbano. A guerra, que durou de 1975 a 1991, devastou a infraestrutura da capital e colocou a economia em frangalhos. A dimensão da destruição criou uma necessidade urgente de

planejamento urbano, permitindo também a reestruturação do centro da cidade e a modernização de sua infraestrutura.

O presidente da República

Após um vácuo de poder de mais de dois anos, em 9 de janeiro, o Parlamento libanês elegeu o comandante do exército, Joseph Aoun, 14º Presidente da República. O cargo, que de acordo com o Pacto Nacional de 1943 é ocupado por um cristão maronita (enquanto o primeiro-ministro deve ser um muçulmano sunita e o presidente do Parlamento um muçulmano xiita), permaneceu vago após o término do mandato de Michel Aoun em 31 de outubro de 2022, devido a divergências entre as forças políticas na busca de um acordo sobre um sucessor, particularmente os vetos dos partidos xiitas Amal e Hezbollah.

Joseph Aoun, que não tem parentesco com seu antecessor, nasceu em 10 de janeiro de 1964, em Beirute, no subúrbio de Sin el-Fil. Em 2007, graduou-se em Ciência Política e Relações Internacionais pela *Lebanese American University*. Em 1983, ingressou no exército, especializando-se em missões no exterior, principalmente nos Estados Unidos. Em 2015, ascendeu ao comando da Nona Brigada de Infantaria e, em 2017, substituiu Jean Kahwaji no comando das Forças Armadas Libanesas. É casado com Nehmat Nehmeh e tem dois filhos.

O primeiro-ministro

Nawaf Salam, recebido pelo Pontífice no Vaticano em 25 de outubro, tem 71 anos e é membro de uma proeminente família muçulmana sunita em Beirute. Salam obteve um Doutorado em Ciências Políticas pela Universidade francesa *Sciences Po* e um Doutorado em História pela Universidade Sorbonne. Ele também obteve um Mestrado em Direito pela Faculdade de Direito de Harvard. Em 2007, foi nomeado embaixador do Líbano nas Nações Unidas, cargo que ocupou por dez anos. Em 2018, Salam foi eleito juiz da Corte Internacional de Justiça e, em fevereiro do ano passado, foi eleito presidente do mais alto tribunal das Nações Unidas, tornando-se o primeiro cidadão libanês a ocupar esse cargo. Ele é primeiro-ministro do Líbano desde fevereiro de 2025.

A Praça dos Mártires

A Praça dos Mártires (Sahet al Shouhada) em Beirute é um símbolo da resistência libanesa. O nome dado à praça, em 1931, e a estátua em seu centro homenageiam os patriotas que ali foram enforcados durante a revolta contra os turcos durante a Primeira Guerra Mundial. A estátua ainda carrega as marcas de balas da Guerra do Líbano (1975-1990). O monumento é obra do escultor italiano Marino Mazzacurati e foi inaugurado em 1960. No final de 2019, a Praça dos Mártires tornou-se um dos principais pontos focais dos protestos antigovernamentais.

O Porto de Beirute

O porto ocupa quase toda a lateral do triângulo que forma a península da capital libanesa. Em 4 de agosto de 2020, uma dupla explosão matou mais de 200 pessoas, feriu outras 7.000 e deixou 300.000 desabrigadas. O nitrato de amônio, confiscado em 2014 do navio abandonado MV Rhosus e depositado no porto sem medidas de segurança, causou duas explosões em rápida sucessão: uma primeira, menor, seguida pela segunda, considerada uma das explosões não nucleares mais poderosas da história.

O episódio foi detectado como um evento sísmico de magnitude 3,3 pelo *United States Geological Survey* ("Serviço Geológico dos Estados Unidos").

Apesar dos repetidos apelos nacionais e internacionais por responsabilização judicial, investigações eficazes, independentes e imparciais não foram concluídas. Em fevereiro deste ano, após anos de suspensão, a investigação, liderada pelo juiz Tarek Bitar, foi retomada, mas persistem incertezas, ligadas a obstáculos e interferências de líderes políticos e funcionários do Estado, que se recusaram a comparecer para interrogatório e até denunciaram o juiz. Cinco anos após a explosão, as famílias das vítimas, os feridos e gerações inteiras de pessoas traumatizadas pela tragédia ainda aguardam justiça. Nos últimos meses, o dia foi declarado dia de luto nacional, uma rua recebeu o nome das vítimas de 4 de agosto de 2020 e o local da explosão foi tombado como patrimônio histórico.

Fonte: Vatican News

Papa: comunhão entre todos os batizados é prioridade

A Divina Liturgia na festa de Santo André reuniu fiéis e autoridades religiosas no Fanar, onde Leão XIV participou em clima de profunda fraternidade. Ao lado do Patriarca Bartolomeu I, o Pontífice

reafirmou o seu desejo de comunhão através do diálogo. “Não devemos recuar no compromisso com a unidade e não podemos deixar de nos considerar irmãos e irmãs em Cristo e amar-nos como tais”, afirmou o Papa.

Thulio Fonseca - Vatican News



Na manhã deste domingo, 30 de novembro, cerca de quatrocentos fiéis — entre bispos, sacerdotes, religiosos e representantes de diversas Igrejas cristãs — reuniram-se na Igreja Patriarcal de São Jorge, no Fanar, em Istambul, para a celebração da Divina Liturgia na festa do Apóstolo André, fundador da Sé de Constantinopla segundo a tradição. A celebração foi presidida por Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico.

O Papa Leão XIV, no último dia de sua visita apostólica à Turquia por ocasião do 1.700º aniversário do Concílio de Niceia, participou da Divina Liturgia e acompanhou com recolhimento cada momento da liturgia bizantina, unindo-se espiritualmente à oração pelo dom da unidade entre as Igrejas. Ao final, proferiu um discurso.

Irmãos em Cristo

“A nossa peregrinação aos lugares ligados ao Primeiro Concílio Ecumênico chega hoje ao seu ponto culminante” — disse o Papa no início de sua saudação — ao celebrarmos a memória litúrgica do Apóstolo André, aquele que, segundo a antiga tradição, anunciou o Evangelho nesta cidade. “A fé de André é também a nossa fé: a mesma professada pelos Concílios Ecumênicos e transmitida, intacta, pela Igreja ao longo dos séculos.”

O Papa retomou o significado espiritual do encontro ecumênico realizado na véspera, afirmando que a fé expressa no Credo Niceno-Constantinopolitano continua a ser “um vínculo real de comunhão, que nos permite reconhecer-nos como irmãos e irmãs”. Embora reconhecendo que “no passado houve mal-entendidos e até conflitos”, o Santo Padre enfatizou que não podemos retroceder no compromisso com a unidade, pois “somos chamados a amar-nos como irmãos em Cristo”.

[Photo Embed: Momento de oração durante a Divina Liturgia]

Preservar a comunhão e a unidade

Ao recordar o histórico encontro entre Paulo VI e Atenágoras em 1964, Leão XIV observou que “o gesto profético de apagar da memória da Igreja as excomunhões de 1054 abriu para nós um caminho de reconciliação, paz e crescente comunhão”. Desde então — continuou o Santo Padre — aumentaram os contatos fraternos, avançou-se no diálogo teológico e deram-se passos importantes também no campo eclesiológico e canônico. O Papa expressou profunda gratidão ao Patriarca Bartolomeu pelo apoio constante à Comissão Mista Internacional para o Diálogo Teológico entre Católicos e Ortodoxos, pedindo que todas as Igrejas autocéfalas continuem a participar ativamente nesse processo.

“Desejo confirmar que, em continuidade com o que foi ensinado pelo Concílio Vaticano II e pelos meus Predecessores, perseguir a plena comunhão entre todos os que são batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no respeito pelas legítimas diferenças, é uma das prioridades da Igreja Católica, em particular do meu ministério de Bispo de Roma, cujo papel específico a nível da Igreja universal consiste em estar ao serviço de todos para construir e preservar a comunhão e a unidade.”

Conversão espiritual, pessoal e comunitária

O Santo Padre sublinhou também que católicos e ortodoxos são chamados hoje a responder juntos aos apelos do Espírito Santo, sobretudo diante dos desafios que marcam o mundo atual. Entre eles, o primeiro é o drama dos conflitos e da violência. “Somos chamados a ser construtores de paz, conscientes de que a paz é dom de Deus, implorado com oração, penitência e contemplação.” Somente a íntima relação com o Senhor — explicou Leão XIV — permite discernir palavras e gestos verdadeiramente orientados à paz.

O Papa mencionou igualmente a crise ecológica mundial, frequentemente denunciada pelo Patriarca Bartolomeu, reconhecido internacionalmente por sua voz profética neste campo. “A urgência ecológica exige de nós uma conversão espiritual, pessoal e comunitária”, afirmou o Pontífice, convidando a promover uma nova sensibilidade que reconheça que “a criação é um dom confiado por Deus à responsabilidade de todos”.



Papa Leão XIV profero seu discurso (@Vatican Media)

O terceiro grande desafio citado pelo Papa foi o uso das novas tecnologias, especialmente as da comunicação. “Católicos e ortodoxos devem colaborar para promover um uso responsável e universalmente acessível dessas ferramentas, de modo que não se tornem privilégio de poucos, mas instrumento de desenvolvimento integral para todos.” Ao concluir sua saudação, Leão XIV expressou votos de saúde e serenidade ao Patriarca e à Igreja de Constantinopla, agradecendo a acolhida “calorosa e fraterna”. Invocou a intercessão do Apóstolo André, de seu irmão Apóstolo Pedro, de São Jorge, dos Padres do Concílio de Niceia e dos santos desta venerável Igreja. Por fim, com significativo gesto de fraternidade, concluiu: “Χρόνια Πολλά! (Hrónia Pollá!) Ad multos annos!”

Ao término da Divina Liturgia, o Patriarca Bartolomeu I e o Papa Leão XIV, da sacada da Igreja Patriarcal de São Jorge, concederam aos fiéis a bênção ecumênica.



Bartolomeu I e Leão XIV veneram as relíquias de Santo André (@Vatican Media)

Fonte: Vatican News

Em viagem ao Líbano, Papa envia telegrama à Turquia e ao Chipre

No voo rumo à segunda etapa da primeira viagem apostólica, neste domingo (30/11) Leão XIV dirigiu mensagem aos chefes de Estado da Turquia, em telegrama de despedida, e do Chipre.

Andressa Collet - Vatican News

Neste domingo (30/11), quarto dia de viagem apostólica, o Papa se despediu da Turquia (Türkiye) para seguir ao Líbano onde cumprirá agenda até a próxima terça-feira (02/12). Leão

XIV partiu do Aeroporto de Instambul-Atatürk para percorrer pouco mais de mil quilômetros em duas horas de voo até o Aeroporto Internacional de Beirute. Durante o voo, o Pontífice dirigiu mensagem a chefes de Estado dos três países sobrevoados: a começar pela própria Turquia, Chipre e Líbano.



Segundo comunicado da Sala de Imprensa da Santa Sé, no telegrama de despedida ao presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan, o Papa renovou gratidão pelo acolhimento cordial e generoso das autoridades e do povo da Turquia durante a sua viagem apostólica ao país. Leão XIV também assegurou a todos a "contínua lembrança nas orações", invocando "sobre a nação as bênçãos divinas da harmonia fraterna e da paz".

Já ao presidente do Chipre, Nikos Christodoulides, o Pontífice também saudou os cidadãos do país na viagem a caminho do Líbano. Leão XIV invocou as bênçãos de Deus, afirmando rezar para que Ele conceda a cada um "dons da unidade e da concórdia".

Fonte: Vatican News

Líbano, mosaico de religiões e culturas

Os cristãos representam entre 32 a 40% da população libanesa, dependendo das estimativas, constituindo uma das comunidades cristãs mais significativas do Oriente Médio e são um componente fundamental da história, cultura e política libanesas. A comunidade está dividida em várias denominações, entre as quais se destacam os maronitas, que constituem a maior comunidade cristã e desempenham um papel institucional.

Vatican News



No Líbano, terra rica de história milenar e um mosaico cultural e religioso único no Mediterrâneo, Paulo VI fez escala no Aeroporto de Beirute em 12 de dezembro de 1964, a caminho da Índia para presidir o Congresso Eucarístico Internacional. O Papa Wojtyła visitou o País dos Cedros em 10 e 11 de maio de 1997 (sua 77ª Viagem Apostólica), para a publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Uma Nova Esperança para o Líbano".

Bento XVI, em sua 24ª Viagem Apostólica (de 14 a 16 de setembro de 2012) assinou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Ecclesia in Medio Oriente" da Assembleia Especial para o Oriente Médio do Sínodo dos Bispos. O documento apela a um renovado testemunho cristão, ao

diálogo inter-religioso e a um compromisso com a paz numa região marcada por complexos desafios sociais e políticos, enfatizando o papel fundamental do Líbano como ponte entre o Oriente e o Ocidente.

As comunidades cristãs no País dos Cedros

Igreja Maronita

A comunidade maronita tem como pai espiritual São Maron, um asceta que viveu no século V na Síria (região de Antioquia/Apameia), onde "os discípulos adotaram pela primeira vez o nome de cristãos" (Atos 11,26). A perseguição pelos monofisitas e, posteriormente, a conquista árabe, levaram os monges, discípulos de São Maron, a emigrar para o Monte Líbano; ao redor de seus mosteiros, se agruparam progressivamente os primeiros núcleos de comunidades camponesas maronitas. A Igreja Maronita é caracterizada por uma forte tradição monástico-eremítica e por sua liturgia em língua siríaca (ocidental) e em árabe.

A Igreja Maronita (nome em homenagem ao seu fundador, o asceta São Maroun, que viveu em Antioquia e morreu em 410) sempre esteve em plena comunhão com a Sé Apostólica. Por esta razão, seus fiéis sofreram discriminação e perseguição ao longo da história nas mãos dos monofisitas, dos bizantinos, dos mamelucos, dos otomanos.

O primeiro Patriarca Maronita de Antioquia foi Sua Beatitude Youhanna Maroun (685-707). O atual Patriarca é Sua Beatitude Béchara Boutros Rai, O.M.M., nascido em Himlaya (Arquieparquia Maronita de Antélias) em 25 de fevereiro de 1940. Ordenado em 3 de setembro de 1967; consagrado em 12 de julho de 1986; transferido para a Diocese Maronita de Jbeil em 9 de junho de 1990; Eleito Patriarca em 15 de março de 2011. Bento XVI concedeu-lhe a *ecclesiastica communio* em 24 de março de 2011.

Sede do Patriarcado de Antioquia dos Maronitas

Bkerké é uma pequena cidade localizada a cerca de 650 metros acima do nível do mar, com vista para a Baía de Jounieh. Desde 1830, é a sede do Patriarcado de Antioquia dos Maronitas, que até então residiam no Mosteiro de Qannubin, no Vale de Qadisha. O primeiro prédio no local de Bkerké foi um mosteiro construído em 1703 por Khattar al-Khazen. Em 1730, monges antonianos começaram a usar o mosteiro; em 1779, ele foi usado pela Igreja Maronita. Em 1830, tornou-se a residência de inverno do Patriarca Maronita do Líbano. A atual estrutura com telhado vermelho foi construída em 1893, durante o período do Patriarca João Pedro El Hajj. Foi projetada por Leonard al-Azari.

Mosteiro de São Maroun em Annaya

Annaya é um município no Líbano, localizado no distrito de Jbeil, na província do Monte Líbano. "Annaya" é um termo siríaco que significa coro, um coro de devotos ou eremitas. Em uma das colinas mais pitorescas do Líbano, ergue-se o Mosteiro de São Maron, da Ordem Maronita Libanesa, a oeste da vila de Ehmej e ao sul da vila de Mechmech, a uma altitude de 1.200 metros. O primeiro prédio do mosteiro foi concluído em 1828, ano do nascimento de São Charbel, que escolheu o eremitério como sua morada, e mais tarde conquistou muitos corações. O eremitério de São Pedro e São Paulo foi construído a 150 metros do mosteiro, e posteriormente anexado pela Ordem.

Após a beatificação de Charbel Makluf em 5 de dezembro de 1965, na véspera do encerramento do Concílio Vaticano II, a Ordem empreendeu a construção de uma nova igreja, projetada para acomodar as multidões de fiéis que afluíam a Annaya. A consagração da nova igreja, dedicada a São Charbel e localizada a oeste do mosteiro, ocorreu em 1974.

Até hoje, a Ordem continua a realizar reformas, tanto dentro como fora do mosteiro, para atender às necessidades espirituais e materiais dos peregrinos. Também criou um museu privado que abriga os objetos sagrados do santo. Todos os anos, milhares de peregrinos fazem uma peregrinação ao túmulo de São Charbel Makluf, canonizado por Paulo VI em 1977.

Nascido em 1828 no povoado de Biqa 'Kafra, o último dos cinco filhos de Antoun Makluf e Brigitta Al-Chidiac, ele perdeu o pai aos três anos de idade e foi confiado ao seu tio, que, segundo alguns testemunhos, opôs-se à sua decisão de empreender a vida monástica, que ele iniciou aos 23 anos no mosteiro de Nossa Senhora de Mayfouq, mudando seu nome de batismo—Youssef—para Charbel. Ordenado sacerdote da Ordem Maronita Libanesa em 1859, permaneceu em Annaya por 15 anos antes de obter permissão para retirar-se no eremitério dos Santos Pedro e Paulo, onde viveu por vinte e três anos, dedicando-se ao serviço do Senhor e vivendo a regra eremita com escrúpulos e plena consciência. Durante a celebração da Missa em 16 de dezembro de 1898, foi acometido por paralisia e entrou em

agonia que durou oito dias. Faleceu em 24 de dezembro de 1898, após dias de terrível sofrimento. Alguns meses após sua morte, fenômenos extraordinários ocorreram ao redor de seu túmulo, que começou a brilhar, e entre aqueles que oravam no túmulo do monge, que exsudava sangue misturado com água, curas inexplicáveis se multiplicaram, atraindo pessoas de todo o vale e de diferentes religiões.

Santuário de Nossa Senhora do Líbano

O Santuário em Harissa foi construído em 1904, por ocasião do 50º aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX. A inauguração ocorreu no primeiro domingo de maio de 1908, que desde então se tornou a festa anual de Nossa Senhora do Líbano. A estátua de bronze branco da Madona, fundida em Lyon, França, mede 8,50 metros de altura e pesa aproximadamente 15 toneladas. A torre cônica de pedra talhada à mão tem 21 metros de altura, e sua escada em espiral é escalada por peregrinos em oração, muitas vezes descalços ou de joelhos, até a estátua da Virgem no topo. Confiado aos cuidados da Congregação dos Missionários Libaneses, está entre os mais importantes santuários marianos do Oriente Médio. Peregrinos acorrem aqui durante todo o ano, mas especialmente durante o mês de maio, quando procissões noturnas partem da costa. Muitos visitantes muçulmanos também vêm ao Santuário, frequentemente aos domingos, para venerar Maria. Uma nova Basílica foi construída ao lado do pedestal da torre do Santuário desde julho de 1993. Sua geometria arrojada pretende representar a proa de um navio fenício. Ela abriga uma réplica da estátua de Nossa Senhora de Lourdes, abençoada por João Paulo II em 22 de março de 1992, durante a Missa para os doentes na Basílica de São Pedro, e levada ao Líbano pela Obra Romana Peregrinações.

Igreja Católica Greco-Melquita

A separação da Igreja Ortodoxa de Antioquia (ou Igreja Greco-Ortodoxa) e a retomada da comunhão com Roma ocorreram em 1724, graças também à contribuição da Igreja Maronita e dos missionários ocidentais que chegaram ao Oriente nos séculos XVII e XVIII, incluindo os padres jesuítas.

Igreja Católica Armênia

Surgiu com a separação da Igreja Apostólica Armênia em 1742. A comunidade católica armênia chegou ao Líbano em três ondas migratórias: (a) no século XVIII, após a perseguição que se seguiu ao restabelecimento da comunhão com Roma; (b) após a Primeira Guerra Mundial e os massacres perpetrados pelos otomanos; (c) finalmente, após a Segunda Guerra Mundial.

Igreja Católica Siríaca

Separou-se da Igreja Ortodoxa Siríaca (ou Igreja siro-ortodoxa) para retornar à comunhão com a Sé Apostólica, sendo reconhecida por esta última em 1783 (com formalização subsequente em 1797).

Igreja Caldeia

Esta é a Igreja da Mesopotâmia fundada pelo Apóstolo Tomé. A Igreja Caldeia surgiu da cisão com a Igreja Assíria do Oriente; tentativas de sua reunificação com a Igreja de Roma remontam ao século XVI, mas só foram oficialmente reconhecidas em 1830.

Comunidade Latina

Parece certo que a atual comunidade latina no Líbano remonta ao século XIII (ou XIV), com a chegada dos franciscanos da Custódia da Terra Santa, que se dedicaram ao cuidado pastoral tanto dos comerciantes europeus nos portos da costa libanesa quanto dos fiéis maronitas e melquitas no Monte Líbano. Em seguida, vieram os capuchinhos em Sidon (1626), os carmelitas em Mar Lisha (1643) e os jesuítas em Sidon (1644).

Em 1772, foi criado o Vicariato Apostólico de Aleppo (ou Latino), com jurisdição sobre os territórios do Líbano e da Síria. A chegada de missionários protestantes de língua inglesa no início do século XIX impulsionou ainda mais as missões católicas: os vicentinos em Trípoli (1830) e os jesuítas em Bikfaya (1833), os maristas em Jounieh (1898), os Irmãos das Escolas Cristãs em Trípoli (1880) e depois em Beirute (1894).

No Líbano há:

Dos Latinos:

1 Vicariato Apostólico (Beirute)

Dos Maronitas: 1 Igreja Patriarcal (Antioquia) 4 Arquieparquias (Antélias, Beirute, Trípoli do Líbano, Tyr)
6 Eparquias (Baalbek-Deir El-Ahmar, Batrum, Jbeil, Joubbé, Sarba e Jounieh, Saïdã, Zahleh)

Dei Greco-Melkiti: 2 Metrópolis (Beirute e Jbeil, Tyr)
5 Arquieparquias (Baalbek, Bāniyās, Saïdā, Trípoli do Líbano, Zahleh e Furzol)

Dos Sírios:

Igreja Patriarcal (Antioquia)

1 Eparquia (Beirute)

Dos Armênios:

1 Igreja Patriarcal (Cilícia dos Armênios)

1 Metrópolis (Beirute)

Dos Caldeus

1 Eparquia (Beirute)

Dados da Igreja

Segundo o Escritório Central de Estatística da Igreja, no Líbano há 24 Circunscrições Eclesiásticas, 1.116 paróquias, 47 centros pastorais. O rebanho de fiéis é pastoreado por 49 bispos, 917 sacerdotes diocesanos e 647 sacerdotes religiosos (1.564 no total). Os seminaristas menores são 12 e os maiores 270.

Os diáconos permanentes são 46, os religiosos não sacerdotes 118 e as religiosas professas 1.698. Os membros de Institutos Seculares são 4, os missionários leigos 145 e os catequistas 402.

No País dos Cedros, a Igreja administra 503 maternais e escolas primárias, com 137.976 estudantes; 191 escolas inferiores e secundárias, com 49.367 estudantes; 50 institutos superiores e universidades, com 56.235.

A Igreja também tem 23 hospitais, 85 ambulatórios, 41 casas para idosos ou pessoas com invalidez, 56 jardins da infância e orfanatrófos, 4 centros especiais de educação ou reeducação social, além de 46 outras instituições.

Outras denominações cristãs

- Igreja Greco-Ortodoxa

- Igreja Apostólica Armênia

- Igreja Siro-Ortodoxa

- Igreja Assíria do Oriente

- Igreja Copta Ortodoxa

- Diversas comunidades protestantes

Comunidades islâmicas

Xiitas

O xiismo surgiu dos seguidores de Ali, genro do Profeta, que reivindicaram para si e seus descendentes masculinos a sucessão a Maomé (Muhammad). O assassinato do filho de Ali, al-Hussein, em 680, causou a divisão definitiva entre o xiismo e o sunismo; esse martírio é comemorado anualmente na festa de Ashura. O xiismo deu origem a várias denominações, sendo a mais importante o xiismo duodecimano (ou Ithnā'ashariyyah).

Sunitas

Os muçulmanos sunitas seguem os ensinamentos da "Sunna" (tradição), ou seja, o conjunto de ensinamentos transmitidos oralmente por Maomé (Muhammad) aos seus primeiros companheiros. Este ensinamento complementa a mensagem do Alcorão, revelada por Alá diretamente ao Selo dos Profetas. Aproximadamente 90% dos muçulmanos em todo o mundo são sunitas. O diretor espiritual da comunidade no Líbano é o Mufti da República, eleito para o cargo vitalício; ele é auxiliado por um Conselho Judicial Superior (ou Alto Conselho Islâmico). A residência e todos os serviços sob a autoridade do Mufti constituem o "Dar al-Fatwa".

Drusos

Este é um ramo do islamismo xiita ismaelita que surgiu no Cairo no início do século XI (ou século V da Hégira). O termo "druso", embora difundido, é inadequado. Os membros desta comunidade, muito zelosos do conteúdo oculto de sua fé, se autodenominam "Muwahhidūn" (ou al-Muwahhidūn), que significa monoteístas. Eles acreditam que a fé se divide em três disciplinas ou estágios sucessivos: o reconhecimento dos fundamentos do Islã (segundo a interpretação drusa), a interpretação da revelação feita exclusivamente pelos Imãs (mestres, ou seja, guias espirituais) e, finalmente, a verdadeira sabedoria que leva à unificação de todos no Justo (al-Ḥākim).

Alauítas

Uma denominação islâmica pertencente à tradição xiita, com suas particularidades. Presentes em pequeno número no norte do Líbano, enquanto a grande maioria dos alauítas se encontra na Síria.

Fonte: Vatican News

O Papa entre São Charbel, os últimos e o Porto, sinais de renascimento do país

O Papa Leão XIV chega neste domingo ao Líbano, após se despedir da Turquia.

Vatican News com Agência Fides

Dom César Essayan, vigário apostólico para os Católicos de Rito Latino no Líbano, assim descreve a viagem do Papa Leão XIV à Terra dos Cedros: "Não será apenas uma escala institucional, mas um poderoso momento de consolação, verdade e despertar de consciências para o Líbano e para o mundo inteiro".

Além da grande expectativa pela visita papal, ele espera que ela represente um "ponto de virada decisivo rumo a tempos melhores" para uma nação exausta por múltiplas crises.

O prelado enfatiza à Agência Fides como o povo libanês, em meio a profundas decepções e uma crise socioeconômica sem precedentes, aguarda o Pontífice: "Não será apenas uma escala institucional, mas um poderoso momento de conforto, verdade e despertar de consciências, no Líbano e no mundo, como também um forte 'grito de justiça', que ressoa internacionalmente".

O vigário apostólico no Líbano descreve as três etapas simbólicas da visita papal, cada uma com significado específico: "A visita ao Santuário de São Charbel, um lugar de recolhimento espiritual, representará um momento de oração e busca pela paz interior para todo um povo. A seguir, o Santo Padre visitará um hospital psiquiátrico, 'uma escolha emblemática para encontrar os marginalizados e os que sofrem', dando testemunho da atenção preferencial da Igreja pelos últimos e às feridas, muitas vezes, invisíveis da sociedade". Outro ponto central da visita do Papa será o Porto de Beirute, como explica ainda o Vigário Apostólico: "O coração da tragédia da explosão, ocorrida em 4 de agosto de 2020, será palco de um premente e inequívoco apelo por justiça e verdade, dando voz às famílias das vítimas e a toda uma população que exige respostas sobre o ocorrido".

Dom César Essayan, bispo franciscano conventual, nascido em Saida, em 1962, de família armênia, é o vigário apostólico para os Católicos de Rito Latino no Líbano, desde 2016, responsável pelos fiéis latinos em todo o país. Nos últimos anos, marcados pela explosão no porto de Beirute, o colapso econômico e novas ondas de deslocamento, o prelado tornou-se uma voz poderosa para as comunidades mais vulneráveis e pela responsabilidade da comunidade internacional e elites políticas locais.

Fonte: Vatican News

Líbano: a visita do Papa Leão e as fragilidades do "despertar libanês"

Para os libaneses, esta primeira viagem apostólica do Papa Leão XIV - que se inicia este domingo, 30 de novembro, e prosseguirá até terça-feira, 2 de dezembro - tem um significado enorme. O pequeno país de 10.452 quilômetros quadrados, sujeito a tempestades constantes e a uma "hemorragia humana" devido à emigração, mantém um papel histórico, cultural, literário, artístico e social peculiar no Oriente Médio e na bacia do Mediterrâneo

Vatican News

Como havia aguardado João Paulo II em 1997 e Bento XVI em 2012, o País dos Cedros agora se alegra com a chegada do Papa Leão XIV, este domingo, 30 de novembro, para sua primeira visita apostólica como Pontífice, após a primeira etapa na Turquia, com uma peregrinação a Iznik por ocasião do 1700º aniversário do Primeiro Concílio de Niceia.

O Sucessor de Pedro era aguardado desde 2021, quando o Papa Francisco, respondendo a uma pergunta de Imad Abdul Karim Atrach da Sky News Arabia, revelou sua promessa ao patriarca Maronita Bechara Boutros Raï de visitar o Líbano.

Cinco meses após o início de seu Pontificado, o Papa Leão aceitou o convite que lhe foi feito pelo presidente libanês Joseph Aoun durante a audiência de 13 de junho de 2025 e chega agora ao país em um momento crucial.

Uma visita aguardada com alegria e entusiasmo

Assim que a notícia da visita papal se espalhou, ela foi acolhida com alegria e entusiasmo, como um sinal da proximidade do Pontífice com toda a nação neste momento crucial de sua história.

Para os libaneses, esta primeira viagem apostólica do Papa Leão XIV tem um significado enorme. O pequeno país de 10.452 quilômetros quadrados, sujeito a tempestades constantes e a uma "hemorragia humana" devido à emigração, mantém um papel histórico, cultural, literário, artístico e social peculiar no Oriente Médio e na bacia do Mediterrâneo.

Um caleidoscópio de convivência diversa, com seus componentes cristãos e muçulmanos, continua, com todos os seus problemas e falhas, a representar um "modelo único de convivência", "único e indispensável para a região e para o mundo inteiro", disse o presidente da República libanesa em seu discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro, acrescentando que "salvar" o Líbano "é um dever fundamental da humanidade".

"O Líbano é uma mensagem. O Líbano sofre, o Líbano é mais do que um equilíbrio, tem a fragilidade da diversidade, algumas ainda irreconciliáveis, mas tem a força de um grande povo reconciliado, como a força dos cedros [...] Mas o Líbano está em crise neste momento, mas em crise – não quero ofender – em crise de vida", disse o Papa Francisco no voo de retorno da sua viagem ao Iraque.

É o sofrimento enfrentado com esta crise existencial que muitos libaneses esperam partilhar com o Papa Leão XIV, procurando o seu apoio nesta fase de "despertar libanês" com o presidente Joseph Aoun, que promete construir um país eficiente, afirmando que "para o salvar, precisamos simplesmente de nos comprometer com determinação, com palavras e ações, a libertá-lo da ocupação e garantir a soberania exclusiva do Estado libanês sobre todo o seu território, exclusivamente através das suas forças armadas legais e legítimas."

Visita do Papa se dá num momento de exaustão coletiva

"O Líbano está num semáforo: ou se caminha rumo a um país que promova a cidadania e a boa governança, ou fica presos num impasse mortal. Os cristãos no Líbano não são minoria, e o Líbano ainda é um oásis de liberdade de expressão", disse o padre Raphael Zgheib, professor da Universidade São José em Beirute e membro do grupo ecumênico de reflexão "Escolhemos a Vida", à agência missionária Fides.

"Para os libaneses, a visita do Papa se dá num momento de exaustão coletiva. O Líbano está tentando emergir do abismo. É preciso renovar o convite de João Paulo II 'a esta terra para empreender um itinerário de oração, penitência e conversão' que permita aos cristãos libaneses 'questionarem-se, diante do Senhor, sobre sua fidelidade ao Evangelho e seu compromisso efetivo em seguir a Cristo', como está escrito em sua exortação apostólica 'Uma Nova Esperança para o Líbano'. Para 'edificar juntos o Corpo de Cristo com um verdadeiro espírito eclesial.'" - (com Fides) - Fonte: Vatican News

Papa aos jovens da Austrália: aproximar-se mais de Deus, a exemplo dos santos



Leão XIV citou Santa Catarina de Siena, Carlo Acutis e Pier Giorgio Frassati em vídeo a participantes do Festival da Juventude Católica Australiana (ACYF 2025) que aconteceu de 30 de novembro a 2 de dezembro em Melbourne. O Pontífice acrescentou: "não se limitem a imitar os outros; em vez disso, escutem o que Deus os chama para ser e para fazer. Estou certo de que o Senhor está chamando alguns de vocês para servi-lo no sacerdócio ou na Vida Consagrada. Por favor, tenham a coragem de dizer 'sim'".

Andressa Collet - Vatican News

O Papa Leão XIV se encontra na sua primeira viagem apostólica à Turquia e ao Líbano, mas neste domingo (30/11) também enviou uma mensagem em vídeo aos participantes do Australian Catholic Youth Festival (ACYF 2025), o Festival da Juventude Católica Australiana que deve ser realizado até a próxima terça-feira (02/12) em Melbourne, sudeste do país. As palavras do Pontífice foram compartilhadas na abertura do evento que deve reunir 10 mil jovens, num encontro intenso de fé e formação, já que estão previstas atividades como peregrinação, palestras com testemunhos de líderes da Igreja, oficinas temáticas, espaços de oração e música, além de celebrações eucarísticas.

Para o festival de caráter nacional, que começou a ser realizado há mais de 10 anos e procura ser sediado em diferentes cidades da Austrália, o Papa enalteceu a época "maravilhosa da juventude" e, ao mesmo tempo, desafiadora, sobretudo no contexto atual da sociedade em "constante mudança, os valores tradicionais são frequentemente menosprezados e a tecnologia, apesar de conter elementos positivos, também pode nos deixar mais isolados uns dos outros". Como cristãos, recomendou Leão XIV, "devemos nos voltar para Deus" para dar "um verdadeiro significado às nossas vidas".

A coragem de dizer "sim"

O Pontífice, então, sugeriu seguir "o exemplo luminoso de todos os santos, que demonstram o que significa seguir a vontade de Deus em suas vidas, cada um à sua maneira única". Leão XIV citou Santa Catarina de Siena, Carlo Acutis e Pier Giorgio Frassati que haviam uma relação profunda com Deus e procuravam fazer a sua vontade em suas vidas:

"Não se limitem a imitar os outros; em vez disso, escutem o que Deus os chama para ser e para fazer. Em particular, estou certo de que o Senhor está chamando alguns de vocês para servi-lo no sacerdócio ou na Vida Consagrada. Por favor, tenham a coragem de dizer 'sim!'"

O Papa Leão XIV recordou no vídeo que a única maneira de ouvir a voz de Deus é se aproximando mais dele, "especialmente por meio da oração e dos sacramentos. Além disso, como em qualquer outro relacionamento, para sermos melhores filhas, filhos, irmãos ou irmãs, precisamos viver esses relacionamentos com mais amor, compromisso e sacrifício":

"Por fim, quando todos voltarem para casa ao final do festival dos jovens, lembrem-se de que o que aprenderam e viveram deve ser incorporado ao discipulado diário de vocês. Nesse sentido, encorajo-os a construir redes e amizades entre vocês e a trabalharem juntos para edificar o Reino de Deus em suas áreas locais." Fonte: Vatican News

Leão XIV garante "total dedicação à sagrada causa da unidade dos cristãos"



A declaração do Papa finalizou a saudação dirigida a Sahak II, Patriarca da Igreja Apostólica Armênia, durante visita à catedral da comunidade em Instambul: é à fé apostólica comum do Credo Niceno "que devemos recorrer para recuperar a unidade entre a Igreja de Roma e as antigas Igrejas Orientais dos primeiros séculos", para "restaurar a plena comunhão, que não implica absorção ou domínio, mas uma troca dos dons do Espírito Santo recebidos pelas nossas Igrejas".

Andressa Collet - Vatican News

Neste domingo (30/11), quarto dia de viagem apostólica à Turquia (Türkiye), o Papa Leão XIV fez uma visita de oração à Catedral Armênia Apostólica em Istambul, um dos centros religiosos mais antigos e importantes para a própria comunidade no país, além de ser uma das quatro sedes históricas da Igreja dos Armênios. Ela é representada localmente pelo Patriarca Sahak II Masalyan, que responde

à autoridade espiritual máxima do Catholicos de Todos os Armênios, hoje Karekin II, em Etchmiadzin, na Armênia.

A visita do Papa e a unidade possível dos cristãos

Na saudação ao Papa, Sahak II falou da "honra" e da "bênção" da presença do Pontífice para as Igrejas na Turquia e por "todos aqueles que trabalham pela unidade dos cristãos". O Patriarca Armênio recordou o "significado extraordinário" da visita ao país, pelos 1700 anos do I Concílio de Niceia, um aniversário que "é sagrado" sobretudo para a Igreja dos Armênios, "que abraçou o Credo Niceno com firme devoção": "portanto, hoje o recebemos não apenas como um hóspede de honra, mas também como irmão e companheiro guardião da fé nicena".

O povo armênio, continuou Sahak II, "não esquece os Papas que fizeram ouvir sua voz nos momentos de nosso sofrimento, que se aliaram às comunidades cristãs em perigo e que defenderam a verdade quando o mundo hesitava. Na sua pessoa, Santidade, honramos tanto a paternidade pastoral que o senhor oferece aos católicos quanto o testemunho universal que o papado oferece ao mundo". Em meio à migração e números em declínio dos cristãos no Oriente Médio, continuou ele, "a unidade é essencial" porque "a divisão dos cristãos fere o Corpo de Cristo":

"Nas últimas décadas, as relações entre nossas Igrejas alcançaram uma profundidade antes quase inimaginável. Através do diálogo, da oração comum e da amizade sincera, percorremos este caminho juntos. Sua visita hoje é um sinal poderoso de que as Igrejas estão se aproximando fraternalmente uma a outra, não como rivais. Ela diz ao mundo que a unidade dos cristãos é possível porque é a vontade de Deus."

O Patriarca dos Armênios, enfim, agradeceu pela visita histórica e convidou a rezar juntos pela paz duradoura em terras sangrentas e entre povos devastados pela guerra e comunidades cuja sobrevivência está ameaçada. Acima de tudo, "oremos pela unidade de todos aqueles que confessam Cristo. Que a fé nicena, professada com uma só voz há muito tempo, volte a ser um vínculo inquebrantável de fraternidade".

A total dedicação de Leão XIV à unidade

Da sua parte, Leão XIV começou a sua saudação falando da alegria da visita no local "onde os falecidos Patriarcas Shenork I e Mesrob II, de feliz memória, receberam os meus predecessores". Ao cumprimentar fraternalmente Sahak II e o Patriarca Supremo Karekin II, "que recentemente me honrou com uma visita", no Vaticano, o Papa também agradeceu a Deus "pelo corajoso testemunho cristão do povo armênio ao longo da história, muitas vezes em circunstâncias trágicas" e pelos "laços fraternos cada vez mais estreitos" que unem as duas Igrejas, recordando fatos históricos para a promoção da unidade e um mais recente com o aniversário de 1700 anos do I Concílio Ecumênico "para celebrar o Credo Niceno":

"É a esta fé apostólica comum que devemos recorrer para recuperar a unidade entre a Igreja de Roma e as antigas Igrejas Orientais que existia nos primeiros séculos. Devemos também inspirar-nos na experiência da Igreja primitiva para restaurar a plena comunhão, que não implica absorção ou domínio, mas uma troca dos dons do Espírito Santo recebidos pelas nossas Igrejas para a glória de Deus Pai e a edificação do corpo de Cristo (cf. Ef 4, 12). Espero que a Comissão Mista Internacional para o Diálogo Teológico entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas Orientais possa retomar rapidamente o seu profícuo trabalho, buscando «evidentemente juntos» um modelo de plena comunhão, como pretendia o Papa João Paulo II na sua Encíclica 'Ut unum sint' (n. 95)."

Nesta caminhada rumo à unidade e de "total dedicação à sagrada causa da unidade dos cristãos", finalizou o Papa Leão XIV, "somos precedidos e circundados por uma grande «nuvem de testemunhas» (Heb 12, 1). Entre os santos da tradição armênia, gostaria de recordar o grande Catholicos e poeta do século XII, Nersés IV Shnorhali, cujo 850 anos de aniversário da morte comemoramos recentemente, e que trabalhou incansavelmente para reconciliar as Igrejas, a fim de cumprir a oração de Cristo: que «todos sejam um só» (Jo 17, 21). Que o exemplo de São Nersés nos inspire e a sua oração nos fortaleça no caminho para a plena comunhão!". - Fonte: Vatican News

Em Jerusalém, humildemente como irmãos

O anúncio e o convite do Sucessor de Pedro aos outros cristãos para o Jubileu da Redenção de 2033.

Andrea Tornielli

O Papa, que quis gravar em seu lema episcopal o apelo à unidade em Cristo, convidou todos os cristãos a realizarem juntos uma viagem espiritual. Uma peregrinação comum rumo ao Jubileu da Redenção de 2033, na perspectiva de um retorno a Jerusalém, às origens da nossa fé.

Há dois dias, em Iznik, a antiga Nicéia, os líderes de muitas confissões cristãs rezaram juntos a convite do Patriarca de Constantinopla Bartolomeu para comemorar o 1700º aniversário do primeiro concílio ecumênico. Uma cerimônia breve e sugestiva, que se realizou perto dos restos da basílica de São Neófito, ressurgidos das águas do grande lago. Aquele encontro de líderes de diferentes confissões cristãs tinha um sabor evangélico: nas margens de outro lago, o de Tiberíades, ocorreu boa parte da pregação de Jesus. Caminhando por aquelas margens, o Nazareno chamou Pedro e André, dois pescadores, tornando-os seus apóstolos.

Mas a beleza cênica do lugar, juntamente com a profundidade do gesto que uniu em oração católicos, ortodoxos e protestantes, não foram suficientes para fazer passar em segundo plano a dolorosa ferida das ausências. Por isso, menos de vinte e quatro horas depois, Leão XIV, ao encontrar novamente alguns dos líderes cristãos presentes em Iznik, agradeceu-lhes, desejando que se gerassem novos encontros e momentos como o que acabara de viver, mesmo com as Igrejas que não puderam estar presentes.

A proposta do Bispo de Roma é celebrar juntos os dois mil anos da morte e ressurreição de Jesus e do nascimento da Igreja no Cenáculo de Jerusalém. É o convite humilde e corajoso que o Sucessor de Pedro dirige a todos, para ir além de Nicéia e voltar às origens da fé, ao lugar onde tudo começou. Leão recordou a primazia da evangelização e do anúncio do *kerygma* e lembrou mais uma vez como a divisão entre os cristãos é um obstáculo ao seu testemunho.

Voltar a Jerusalém significa voltar ao sacrifício do Gólgota e ao túmulo encontrado vazio pelas mulheres na manhã de Páscoa. Significa voltar ao lugar da Última Ceia, onde Jesus, depois de lavar os pés aos apóstolos, partiu o pão com eles. Significa voltar ao lugar do Pentecostes, quando um pequeno grupo de homens desapontados e amedrontados foi transformado no motor do anúncio evangélico: eles estavam desolados após a morte de seu Mestre, mas no Cenáculo e depois nas margens do lago de Tiberíades eles o encontraram ressuscitado e vivo. No Cenáculo, receberam o Espírito Santo que os transformou em missionários incansáveis, dispostos a dar a vida para anunciar que aquele Homem morto na cruz ressuscitou e é o Filho de Deus.

Voltar a Jerusalém significa, portanto, tornar-se peregrinos, juntos, para se encontrar no Cenáculo. Para recordar, todos juntos, o que realmente importa. Significa deixar de lado o que não é essencial: as incrustações da política eclesiástica, as rivalidades e reivindicações, as estratégias, os nacionalismos, os colateralismos e tantas tradições humanas que nos separaram. Significa superar as divisões, reencontrando o coração da mensagem evangélica. Porque é disso que a Igreja precisa e o mundo precisa. “Quanta necessidade de paz e reconciliação há ao nosso redor, e também em nós e entre nós!”, disse o Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, na presença do Patriarca de Constantinopla, Sucessor de André. Reencontrar-se humildemente, como irmãos unidos a serviço uns dos outros, para repetir juntos as palavras do Pescador da Galiléia: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!”.

Fonte: Vatican News

A oração em Niceia: regressar à experiência original de Jerusalém

"Um encontro de todos e para todos que foi tão esperado e desejado e que devemos acolher com grande admiração", são palavras de Dom Flavio Pace, secretário do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos ao comentar o histórico encontro ecumênico que reuniu em Iznik, juntamente com o Papa Leão XIV e o Patriarca de Constantinopla Bartolomeu I, muitos líderes religiosos pelos 1700 anos do Concílio de Niceia.

Vatican News

Regressar às origens para compreender melhor e mais profundamente o sentido de ser cristãos no mundo contemporâneo. A gênese do encontro ecumênico de oração vivido em Iznik é recordada pelo arcebispo **Dom Flavio Pace**, secretário do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

Dom Pace, como o senhor viveu este evento?



Em procissão em İznik (@Vatican Media)

Foi um encontro muito aguardado, muito desejado, muito preparado, no sentido de que houve muitas horas de discussão, de trabalho, de aprimoramento. É um evento que devemos acolher com grande admiração. Não negamos que há comentaristas que, dentro e fora da Igreja, sublinham mais as ausências do que as presenças; no entanto, este é um encontro histórico porque a grande maioria das confissões cristãs estava representada. Ouvi alguns dos participantes, mesmo os não católicos, e todos estavam muito contentes, todos muito comovidos. Quem estava presente certamente também levou no coração o sentimento da ausência de alguém que não esquecemos, nem excluímos. O momento culminante foi a recitação do Credo Niceno-Constantinopolitano. Hoje, tivemos a experiência real deste "nós cremos", porque vimos todos os nossos líderes dizê-lo juntos com o coração comovido. No fundo, apesar dos séculos, às vezes milênios, de divisões, de separações, de tensões que em parte ainda existem, estamos reafirmando a semente, o essencial da nossa fé, e isso é algo que comove. Compreendemos, então, por que, por um lado, o Patriarcado Ecumênico e, por outro, tantos outros líderes, primeiro o Papa Francisco e depois o próprio Papa Leão, tiveram a intenção de comemorar o aniversário. O Papa Leão disse claramente: "Eu estarei em Niceia". São palavras que ele proferiu na véspera da festa dos Santos Pedro e Paulo, ao receber a delegação ortodoxa, especificando que a comemoração do Concílio seria ecumênica, ou seja, de todos. E isso hoje nós vimos, nós experimentamos.

Então, vamos dar um passo atrás, 1700 anos, por que o espírito daquela época ainda está vivo e pode estar vivo?

Naquele evento vieram muitos bispos, algo extraordinário para a época, e isso explicava o método do processo: enfrentar uma situação de dificuldade que, de alguma forma, corria o risco de se tornar também social — por isso o imperador se preocupava com isso —, mas que era interna à comunidade cristã. O método era o de se colocar na escuta e de se reunir, captar a voz do Espírito, discernir o que o Espírito estava pedindo à Igreja da época e dizer uma palavra que se tornava, assim, uma palavra guia. As divisões, porém, de alguma forma permaneceram, porque depois houve o partido que continuou a apoiar o Arianismo também na esfera política, houve tensões, pensemos em Ambrósio de Milão... As tensões continuaram, mas o coração estava centrado em preservar aquela regra da fé, que não era uma imposição dada por alguma autoridade, mas sim o fruto de um discernimento que ocorreu na escuta do Espírito por parte de todos os pastores da Igreja. Este método é válido também para o dia de hoje, para todas as situações. Nós somos frequentemente tentados, dentro e fora da Igreja, quando há alguma tensão, alguma dificuldade em nos compreendermos, a ficarmos divididos, a nos fragmentarmos. A obra do Espírito, pelo contrário, nos reúne novamente, na escuta de uma voz que já não é a minha, não é a sua, mas é aquela que, através de nós, é a voz do Espírito e, conseqüentemente, leva a iluminar uma escolha que é aquela que juntos se decide acolher. Portanto, é o processo que é muito interessante, porque é um processo que é verdadeiro também para o hoje, muito antes da, embora legítima, insistência na sinodalidade; é justamente um processo que convoca o ser humano à escuta do Espírito e cria comunhão, cria comunidade.

Excelência, em Niceia, 1700 anos atrás, também tinha sido decidida uma data comum para a Páscoa. Passos em direção à comunhão foram dados, passos também em direção à unidade. Este ano, tanto os católicos quanto os ortodoxos celebraram a Páscoa em uma data comum, o dia 20 de abril. A que ponto estamos com estas discussões?

O aniversário de Niceia levantou novamente a questão. O que é certo agora é que, por um lado, se quer voltar a falar sobre isso, e por outro, ao fazê-lo, não se deseja criar uma nova divisão. Creio que talvez seja necessário dar um passo atrás para depois voltarmos a pensar e discutir em conjunto, porque qualquer outro tipo de decisão criaria mais separações. E este não era o desejo do Papa Francisco, não é o desejo do Papa Leão, e a dimensão da Ortodoxia também o sabe bem. No entanto, há o desejo de voltar a discutir e encontrar um caminho de resposta.

Qual é a relação de Roma com Istambul, com aquela realidade, com os herdeiros da tradição do Patriarcado de Constantinopla?

Estamos celebrando também mais um aniversário: no dia 7 de dezembro de 1965, praticamente no encerramento do Concílio, foi assinada uma Declaração Conjunta entre Paulo VI e Atenágoras que retirava as excomunhões recíprocas de 1054. Desde então, há uma dimensão teológica de diálogo que segue adiante com todas as Igrejas ortodoxas e bizantinas; por um período foi com todas, agora o diálogo está um pouco mais lento, mas de todo modo continua. E depois, sobretudo, há este intercâmbio fraterno entre dois irmãos, pelo qual há sempre uma delegação de Constantinopla que vem para a festa dos Santos Pedro e Paulo e, vice-versa, há sempre uma delegação que vai para a festa de Santo André. Contudo, me ocorre recordar o que o Papa Leão disse neste verão, em julho, ao receber uma peregrinação conjunta católico-ortodoxa vinda dos Estados Unidos. Ele, antes de tudo, disse ter ficado surpreso, porque esta peregrinação conjunta nem sequer seria pensável há décadas. Em segundo lugar, recordou o título da peregrinação, "Da primeira à segunda Roma", e depois disse "acolho, eu vos acolho".

O Papa oferece esta mensagem muito bela, que na minha opinião é uma chave que devemos ter em mente nos próximos anos: sublinha que o problema não está ligado à discussão de uma primeira ou segunda Roma, o problema é que todos somos chamados a regressar à experiência original de Jerusalém, porque senão corremos o risco de ser como os apóstolos, que enquanto Jesus fala do fato de que irá a Jerusalém para dar a vida, eles estão atrás a discutir quem deles será o maior. E o Papa diz isto, e é uma coisa muito bela e que, na minha opinião, cria uma ponte, porque na Bula de Proclamação do Jubileu, o Papa Francisco não citou apenas o Jubileu da Esperança, mas estabeleceu um foco: o ano de 2033, quando celebraremos os dois mil anos da Redenção. Creio que o desafio do ecumenismo hoje também é que todos possam retornar à experiência original de Jerusalém. Porque, caso contrário, com todas as superestruturas históricas, que são compreensíveis até mesmo do ponto de vista teológico, não teriam existido sem Jerusalém: nem Antioquia, nem Alexandria, nem Roma, nem Constantinopla, nem Moscou. E neste tempo, ao dizer Jerusalém, dizer o Cenáculo que é o lugar da doação da vida de Jesus, e da doação do Espírito Santo, vemos que precisamos regressar ali.

Um cristão reconciliado é, de fato, um promotor da paz, e é um promotor da paz que atua naqueles lugares marcados pelos conflitos. Há uma humanidade ferida, refiro-me ao Oriente Médio, Gaza, mas também Ucrânia e em tantos outros contextos de guerra...

Neste evento de hoje, que foi possível pela coragem de alguns homens que o quiseram, viveram e continuarão a vivê-lo, devemos pensar no que significam os três anos de vida pública de Jesus — de 2030 a 2033 farão dois mil anos —, o que significa pôr-se na escuta para preparar a possibilidade de repetir juntos, por exemplo, o sermão da montanha, as bem-aventuranças. Há também um movimento de diversas confissões cristãs que está começando a pensar em ir ao Monte das Bem-aventuranças para repetir juntos o sermão das bem-aventuranças, mas não simplesmente para fazer algo com um sabor arqueológico, histórico, exegético, mas sim, para o repetir ao mundo, naquele lugar, voltando a ser conscientes da missão que o Senhor nos deu. Ou seja, quando Ele nos diz que sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo no mesmo sermão da montanha, Ele nos diz o que somos e nós devemos vivê-lo. Até porque, e aqui citamos diretamente o Papa há poucas horas, o uso da religião para justificar a guerra e a violência com qualquer forma de fundamentalismo e fanatismo deve ser rejeitado com força, enquanto os caminhos a seguir são os do encontro fraterno, do diálogo e da colaboração.

Fonte: Vatican News

Economia de Francisco: em Castel Gandolfo, jovens em busca de uma nova economia

No evento "Restarting the Economy", promovido pela Fundação nascida por iniciativa do Papa Francisco, mais de 600 jovens estão se reunindo para encontrar maneiras de mudar as regras de uma economia que muitas vezes gera desigualdades. Entre os participantes, também estão palestrantes do

calibre do padre Paolo Benanti, único membro italiano do Comitê de Inteligência Artificial das Nações Unidas, e Helen Alford, economista e presidente da Pontifícia Academia das Ciências Sociais.

Federico Piana – Vatican News



Encontro em Assis de "Economy of Francesco"

Mais de 600 jovens, em sua maioria mulheres, provenientes de 66 países diferentes, reuniram-se em Castel Gandolfo, nos arredores de Roma, com um objetivo: reinterpretar o sistema econômico mundial à luz das características do Jubileu bíblico, como a libertação dos escravos, a restituição das terras e a remissão das dívidas. O evento internacional “Restarting the Economy” (Reiniciando a Economia), organizado pela Fundação The Economy of Francesco - iniciado no último dia 28 de novembro e que será encerrado neste domingo 30, com uma cerimônia dedicada à esperança que não decepciona - está envolvendo economistas, empresários e operadores concretos da mudança, em um intenso debate com teólogos, acadêmicos, ativistas, artistas e tomadores de decisão públicos para encontrar uma maneira de mudar as regras de uma economia que muitas vezes traz desigualdades.

Revolução profunda

Oradores do calibre do teólogo padre Paolo Benanti, único membro italiano do Comitê de Inteligência Artificial das Nações Unidas, da irmã Helen Alford, economista e presidente da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, e de Massimo Mercati, empresário que busca fundir ética e prática empresarial, apenas para citar alguns exemplos, estão se alternando em uma série de mesas redondas, workshops e sessões plenárias, algumas das quais também estão ocorrendo no Borgo Laudato Sì.

Processo longo

“Nosso objetivo é mudar profundamente a economia”, explica Jean-Marc Santolin, vice-presidente da assembleia da Fundação, à mídia vaticana. Mas essa mudança histórica, acrescenta ele, “certamente não é possível em pouco tempo. É um processo muito longo que deve envolver os jovens de forma contínua em projetos específicos. Além disso, deve haver colaboração entre as gerações. Portanto, podemos definir nosso encontro como oxigênio que alimenta o caminho que estamos trilhando”.

Colaboração entre gerações

O espírito com que se está desenvolvendo o “Restarting the Economy” é, acima de tudo, o da partilha: “de todas as partes do mundo, partilham-se projetos e iniciativas, implementados por indivíduos ou grupos, que vão desde a pobreza à Inteligência Artificial, da reflorestação à criação de poços de água”. Neste evento, estão também se confrontando duas gerações de jovens. A primeira, que em 2019 permitiu o nascimento da Fundação Economy of Francesco, e a atual, que a está acompanhando para assumir, amanhã, as rédeas. “É bom”, acrescenta Santolin, “saber que existem essas pessoas que podemos acompanhar com nossa experiência e que têm a energia jovem para poder dizer: continuemos a mudar as coisas, sem nos questionarmos muito”.

Fonte: Vatican News

Mortes por inundações na Indonésia, Sri Lanka e Tailândia passam de 750

Milhares de desabrigados, infraestrutura e plantações destruídas e um número de mortos que não para de aumentar. Esse é o resultado das inundações que atingem o sul do continente asiático.

Vatican News

Na Indonésia, Sri Lanka, Tailândia número de mortos aumenta a cada dia em decorrência das fortes chuvas que assolam o sul da Ásia.

Na ilha indonésia de Sumatra, alguns moradores recorreram ao roubo de alimentos e água para sobreviver, disseram as autoridades neste domingo, enquanto autoridades do Sri Lanka informaram que o número de mortos pelas enchentes e deslizamentos de terra naquele país subiu para 193.

As enchentes, que atingiram a Indonésia há quase uma semana, mataram 442 pessoas — e o número deve aumentar à medida que mais corpos forem recuperados — e desalojaram 290.700 pessoas. As inundações provocaram deslizamentos de terra, danificaram estradas, isolaram partes da ilha e interromperam as linhas de comunicação.

Outras 402 pessoas estão desaparecidas nas três províncias indonésias de Sumatra do Norte, Sumatra Ocidental e Aceh, de acordo com a Agência Nacional de Gestão de Desastres. As condições climáticas adversas e a falta de equipamentos pesados também dificultaram os esforços de resgate. A ajuda humanitária tem chegado lentamente à cidade de Sibolga e ao distrito central de Tapanuli, em Sumatra do Norte, as mais afetadas.

Sri Lanka

As autoridades do Sri Lanka informaram que o número de mortos devido às inundações e deslizamentos de terra subiu para 193, com 228 pessoas ainda desaparecidas. Quase 148 mil pessoas foram desalojadas de suas casas e estão abrigadas em locais temporários. O Sri Lanka vem sendo atingido por condições climáticas severas desde a semana passada. A situação piorou na quinta-feira, com fortes chuvas que inundaram casas, plantações e estradas, além de provocarem deslizamentos de terra, principalmente na região montanhosa central, produtora de chá. As autoridades afirmam que o ciclone Ditwah, que se formou no mar a leste do Sri Lanka, deve se deslocar em direção à costa sul da Índia no domingo.

Tailândia

Já na Tailândia, à medida que a diminuição das águas começou a revelar danos devastadores em toda a região, o número de mortos subiu para 162, informou no sábado o porta-voz do governo, Siripong Angkasakulkiat.

Mais de 1,2 milhão de famílias e 3,6 milhões de pessoas foram afetadas pelas enchentes provocadas por fortes chuvas em 12 províncias do sul, informou o Departamento de Prevenção e Mitigação de Desastres.

A província de Songkhla registrou um aumento acentuado no número de mortos após o início da diminuição das águas. Notícias mostraram que as equipes de resgate conseguiram acessar mais áreas residenciais que haviam sido submersas e recuperaram mais corpos, principalmente em Hat Yai, a maior cidade do sul.

As águas recuaram na maioria das áreas afetadas, mas os níveis permanecem altos em alguns locais. O Departamento de Meteorologia informou que as chuvas diminuíram no sul, mas alertou para a possibilidade de tempestades em algumas áreas.

As inundações causaram graves transtornos, deixando milhares de pessoas ilhadas, ruas intransitáveis e prédios baixos e veículos submersos. Vídeos e fotos das áreas afetadas na sexta-feira mostram estradas danificadas, postes de energia derrubados, eletrodomésticos e entulhos arrastados pela enchente, acumulados nas ruas. Carros abandonados estavam capotados ou empilhados uns sobre os outros, aparentemente arrastados pela forte correnteza.

Fonte: Vatican News

Criatividade nos ambientes digitais para aproximar os jovens à Palavra de Deus

Foi o convite do Papa Leão XIV aos membros do Comité Diretivo da Federação Bíblica Católica, reunidos em Roma de 17 a 22 de novembro, juntamente com os Coordenadores regionais. Em entrevista com a Rádio Vaticano – Vatican News, a Ir. Elisabete Corazza, FSP, e o Padre Allancastro Silva, SVD, falaram do encontro e sua experiência e missão na animação bíblica.

Bernardo Suate – Cidade do Vaticano

A Ir. Elisabete Corazza, FSP, é missionária em Angola e o Padre Allancastro Silva, dos Sacerdotes do Verbo Divino, está na Espanha e se ocupa da animação bíblica na Congregação. Ambos participaram na Conferência do Comité Diretivo da CBF com os Coordenadores, que iniciou com uma

audiência com o Santo Padre Leão XIV e decorreu em dois momentos principais: as jornadas na Universidade Santa Croce e os dias de reflexão sobre a experiência da Federação nas diferentes regiões.



Ir. Elisabete Corazza, FSP, e o Padre Allancastro Silva, SVD, nos estúdios da Rádio Vaticano
Recuperar centralidade da Palavra de Deus

Foi muito intenso o encontro com o Papa Leão, que a todos chamou ao verdadeiro centro da missão: recuperar a centralidade da Palavra de Deus, e continuar a trabalhar para dar um acesso livre e amplo à Sagrada Escritura, até aos lugares mais remotos. “O Papa pediu também para sermos criativos no utilizo dos ambientes digitais e fazermos com que os jovens, nesse mundo digital, se sintam convidados a estar com o Senhor por meio da Palavra de Deus”, enfatizou a Ir. Corazza.

Federação Bíblica filha do Concílio Vaticano II

A Federação Bíblica Católica nasce do Vaticano II como plataforma para ajudar as Conferências Episcopais e as Instituições ao serviço da Palavra de Deus, ressaltam os dois missionários brasileiros, e a Dei Verbum na Federação é como a “Carta Magna”, que a todos orienta para que todo o Povo de Deus tenha acesso à Palavra de Deus e à compreensão das Escrituras, e fazer com que esta Palavra seja raiz e fonte de toda a pastoral.

A Federação reúne-se em Assembleia Geral Plenária de seis em seis anos, depois da qual existem as reuniões gerais, e uma delas é a Conferência de Coordenadores, explica o Padre Silva, que também reitera que na Federação existem os membros plenos (as Conferências Episcopais com os seus Departamentos de animação bíblica) e os membros associados (Congregações, Institutos, Universidades que trabalham na difusão, animação e investigação bíblica).

Plasmar a Dei Verbum na pastoral de cada Igreja particular

O Padre Allancastro e a Ir. Elisabete falaram igualmente da sua participação, na Universidade Santa Croce, no seminário em que se sublinhou a história da receção da Dei Verbum e de como plasmar o seu conteúdo na pastoral de cada Igreja particular, dando também pistas e perspetivas para o futuro.

A Conferência prosseguiu com alguns dias de reflexão sobre as atividades da CBF nas diferentes regiões (América Latina, América do Norte, Ásia, Oceânia, Europa, Médio Oriente e África), para tudo colocar nas mãos do Comité Diretivo que, em seguida, vai elaborar o plano de trabalho para os próximos anos.

Bíblia, livro mais vendido de todos os tempos, mas será que ela é lida de verdade?

Não faltou uma reflexão dos nossos dois missionários sobre como é acolhida, hoje, a Palavra de Deus, no mundo para sublinhar que, embora a Bíblia seja o livro mais vendido e distribuído de todos os tempos, fica sempre a questão se ela é lida na verdade. E, para o Padre Silva, o desafio é também de evitarmos o risco de cairmos no fundamentalismo religioso com leituras superficiais e manipulação das Escrituras em vez de permanecermos ancorados na centralidade da Palavra de Deus:

Gente que não sabe ler mas proclama com a vida a Palavra de Deus

“Devemos encontrar uma síntese, da la leitura simples e popular das Escrituras até o mais alto nível do Instituto Bíblico ou da investigação bíblica e da exegese”, resalta o Padre Allancastro. Enquanto, para a Ir. Corazza, o desafio é de sermos todo o dia convidados a viver um contínuo processo de conversão e nos deixar purificar pela Palavra. E a Religiosa Paulina falou da sua experiência em Angola onde, disse, aprendeu a compreender mais a Palavra pela dimensão da oralidade: “existe gente que não sabe ler o texto bíblico, mas que sabe proclamá-lo com a vida”.



P. Allancastro Silva e Ir. Elisabete Corazza, em visita à Rádio Vaticana

Em conclusão, o Padre Silva, na sua experiência como Verbita na animação bíblica, mencionou a publicação da Bíblia da Criança, por eles feita em 278 idiomas, chegando a alcançar até lugares muito distantes: “e tem pessoas que aprenderam a ler com essas Bíblias”, observou o sacerdote.

Na Federação Bíblica aprende-se a ampliar os horizontes ...

Enfim, na Federação aprende-se a ampliar um pouco mais os horizontes, a não estar apenas concentrados em si, no seu bairro, a sua paróquia, as suas coisas ..., “porque somos parte de uma grande família que é a Igreja universal, que é diversificada, internacional, e somos chamados a construir comunhão nessa diversidade – e este é o maior testemunho que o trabalho na Federação bíblica nos dá, e que devemos exercitar cada dia”, dizem em conclusão os dois missionários. - Fonte: Vatican News

Médio Oriente: Papa defende solução de «dois Estados» e sugere grande encontro ecumênico em Jerusalém em 2033

Leão XIV falou a jornalistas no voo entre Istambul e Beirute



Foto: Lusa/EPA

Lisboa, 30 nov 2025 (Ecclesia) –Leão XIV defendeu hoje a solução de “dois Estados” para o conflito israelo-palestiniano e revelou a intenção de promover um encontro cristão mundial em Jerusalém, no ano de 2033, para celebrar os 2 mil anos da ressurreição de Jesus.

“A Santa Sé já apoia publicamente há vários anos a proposta de uma solução de dois Estados. Todos sabemos que, neste momento, Israel ainda não aceita esta solução, mas vemo-la como a única solução que poderia oferecer, digamos, uma solução para o conflito que vivem continuamente”, disse aos jornalistas, em conferência de imprensa, durante o voo entre Istambul e Beirute.

Leão XIV sublinhou que a Igreja é “também amiga de Israel” e procura ser uma “voz mediadora” para alcançar uma paz com justiça, tendo discutido o tema com o presidente turco Recep Tayyip Erdogan.

“A Turquia tem um papel importante a desempenhar nesse sentido. O mesmo se aplica à Ucrânia. Há alguns meses, com a possibilidade de diálogo entre as partes ucraniana e russa, o presidente ajudou muito a reunir as duas partes. Infelizmente, ainda não vimos uma solução, mas hoje, novamente, há propostas concretas para a paz”, indicou.

No final da conferência de imprensa, Papa partilhou uma novidade decorrente dos encontros ecumênicos mantidos na Turquia, no contexto dos 1700 anos do Concílio de Niceia.



Foto: Lusa/EPA

“Ontem de manhã [sábado], falamos sobre possíveis encontros futuros. Um deles seria no ano 2033, nos 2 mil anos da Redenção, da Ressurreição de Jesus Cristo”, afirmou.

Embora ainda sem feitos convites formais, o Papa adiantou que “existe a possibilidade de celebrar, por exemplo, em Jerusalém, em 2033, este grande evento da Ressurreição”, uma ideia que foi “bem recebida” pelos líderes cristãos de diferentes tradições presentes na Turquia.

Leão XIV fez um balanço muito positivo da primeira etapa da viagem, agradecendo ao governo turco e ao presidente Erdogan pelo apoio logístico, e destacou a convivência inter-religiosa no país como um exemplo.

“A Turquia, disse, “é um país onde a grande maioria é muçulmana, mas onde também existem numerosas comunidades cristãs”,

“Pessoas de diferentes religiões conseguem viver em paz”, observou, considerando que esse modelo é o que se procura para todo o mundo.

O Papa aterrou esta tarde no Líbano, onde prossegue a sua primeira viagem apostólica até terça-feira.

Fonte: Agência Ecclesia

Líbano: Papa chega a Beirute e rega «cedro da amizade» no Palácio Presidencial

30 Novembro, 2025 15:44

Multidão recebeu Leão XIV nas ruas da capital libanesa, debaixo de chuva, em dia histórico para o país



Foto: Vatican Media

Beirute, 30 nov 2025 (Ecclesia) – O Papa Leão XIV aterrou hoje em Beirute, onde foi recebido por milhares de pessoas, iniciando a segunda etapa da sua primeira viagem apostólica, depois de quatro dias na Turquia.

Assim que o Airbus A320neo proveniente de Istambul tocou a pista do Aeroporto Internacional Rafiq Hariri, às 15h34 (hora local, menos duas em Lisboa), sendo saudado pelas sirenes das embarcações ancoradas no porto da capital libanesa e pelos sinos das igrejas, num sinal de festa pela chegada do pontífice.

No sopé da escada do avião, e sob o som de 21 tiros de canhão, Leão XIV foi acolhido pelo presidente da República, Joseph Aoun, o presidente da Assembleia Nacional, Nabih Berri, e o primeiro-ministro Nawaf Salam, acompanhados pelas respectivas esposas.

Presente na recepção esteve também o cardeal Béchara Boutros Raï, patriarca de Antioquia dos Maronitas, e o núncio apostólico (embaixador da Santa Sé), D. Paolo Borgia.

Num gesto de hospitalidade tradicional, duas crianças com trajés típicos ofereceram ao Papa flores, pão e água.

A cerimónia oficial de boas-vindas decorreu numa tenda no aeroporto, com a execução dos hinos, honras às bandeiras e um sobrevoo de honra, seguindo-se uma breve reunião privada com os três líderes políticos na Sala Presidencial.

O trajeto de oito quilómetros entre o aeroporto e o Palácio Presidencial de Baabda decorreu debaixo de forte chuva, sendo acompanhado por milhares de pessoas ao longo do percurso.

Leão XIV foi recebido pela cavalaria e por centenas de pessoas no portão principal do Palácio Presidencial, onde pôde assistir a um breve espetáculo multimédia.

Já na sede da presidência, situada numa colina com vista para Beirute, o programa incluiu encontros institucionais separados com o chefe de Estado, o presidente da Assembleia e o primeiro-ministro.

Num gesto simbólico, o Papa regou um “cedro da amizade” no Palácio, árvore referida na Bíblia, que é o emblema nacional e da resistência do Líbano.

O primeiro dia de Leão XIV no Líbano encerra-se com o encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático.

Três Papas tinham, até hoje, visitado o Líbano, na época contemporânea: Paulo VI, em 1964; João Paulo II, em 1997; e Bento XVI, em 2012.

Fonte: Agência Ecclesia

Cavalos, danças, espetáculos... Os libaneses celebram Leão XIV sob a chuva



Photo by Lebanese Presidency / AFP

Cibele Battistini

O papa Leão XIV na tarde deste domingo, 30 de novembro, a Beirute, depois de passar quatro dias na Turquia. Ele seguiu para o palácio presidencial de Baabda parcialmente em papamóvel, sob uma forte chuva.

Está longe o acolhimento minimalista reservado na quinta-feira ao papa Leão XIV em Ancara, na Turquia. Desta vez, o Papa ainda nem havia pisado em solo libanês e dois aviões militares já escoltavam o Airbus A320 como gesto de boas-vindas. Quando as portas da aeronave finalmente se abrem, na tarde deste 30 de novembro, poderosas salvas de artilharia fazem toda a delegação papal sobressaltar, e os sinos das igrejas ressoam por todo o país. O Papa está no país do Cedro; finalmente! No asfalto do aeroporto, uma grande tenda foi montada para receber com pompa o chefe da Igreja Católica. Sinal da importância do momento: as principais autoridades do país compareceram ao aeroporto internacional de Beirute — o presidente da República, Joseph Aoun, cristão maronita; o primeiro-ministro, Nawaf Salam, muçulmano sunita; o presidente do Parlamento, Nabih Berri,

muçulmano xiita. Naturalmente, o patriarca maronita Bechara Rai também veio, como em 2012, quando recebeu o papa Bento XVI, o último pontífice a pisar o solo do país.

Assim que a fervorosa cerimônia protocolar termina, o longo comboio parte rumo ao palácio presidencial de Baabda. Ao longo do trajeto, grandes cartazes do Papa foram pendurados. Ao atravessar o subúrbio sul de Beirute, a imagem do homem de branco se sobrepõe aos grandes retratos de Hassan Nasrallah, a emblemática figura do Hezbollah, morto por um ataque israelense em setembro de 2024. A organização xiita, que Israel busca destruir, desejou boas-vindas ao Papa. No sábado, ela declarou em uma carta contar com seu apoio para rejeitar “a injustiça e os ataques” israelenses. Pelo caminho, jovens escoteiros vinculados ao Hezbollah tocam tambores, relata o jornal *L’Orient-Le Jour*.

Ao fim da tarde, o céu escurece repentinamente e mergulha a capital libanesa na escuridão. A chuva ameaça e, por fim, cai. Por sorte, a papamóvel escolhida pelos organizadores da viagem é fechada, por questões de segurança. Nesta noite, em Beirute, o teto do veículo evita que o Papa tome um banho. Atrás dos vidros blindados, o bispo de Roma saúda as centenas de pessoas abrigadas sob guarda-chuvas brancos. Mais adiante, nos arredores do palácio, cavaleiros empunhando as bandeiras do Líbano e da Santa Sé abrem o caminho para o comboio papal. As pancadas de chuva não diminuem o ânimo dos dançarinos de dabké. Vestidos com trajes árabes tradicionais, eles se molham alegremente, como em uma espécie de versão oriental de *Cantando na Chuva*.

A papamóvel para. Como em um drive-in — esses cinemas acessíveis aos carros inventados nos Estados Unidos nos anos 1930 — o Papa americano contempla um magnífico espetáculo de luz e som projetado na fachada do palácio de Baabda. Dentro do edifício, as autoridades do país, a sociedade civil e o corpo diplomático o aguardam. Em seu discurso, escrito em Roma, o Papa havia acertado: “Vocês são um povo que ama a música, a qual, nos dias de festa, se torna dança, linguagem de alegria e de comunhão”, afirma ele na conclusão. Em um Líbano exausto após anos de crise, Leão XIV assegura: “Aquele que dança avança com leveza, sem pisotear o chão, harmonizando seus passos com os dos outros. Assim é a paz: um caminhar movido pelo Espírito, que coloca o coração em escuta e o torna mais atento e respeitoso em relação ao outro.”

Fonte: Aleteia

-----.

O Líbano, uma terra bíblica



Antoine Mekary | ALETEIA

Camille Dalmas -

De 30 de novembro a 2 de dezembro, o Papa Leão XIV visitará o Líbano em sua primeira viagem internacional. O "país do cedro" ocupa um lugar muito importante nas Sagradas Escrituras

Mencionado apenas no Antigo Testamento, o Líbano é citado em 71 ocasiões. A cordilheira que ocupa grande parte de seu território é descrita pelos profetas como uma das fronteiras naturais da Terra Prometida oferecida por Deus ao povo de Israel. "Todo lugar que pisar a sola do vosso pé será vosso: a vossa fronteira se estenderá desde o deserto até ao Líbano, e desde o rio Eufrates até ao mar ocidental" (*Dt 11,24*), afirma Moisés depois da fuga do Egito. O sucessor de Moisés, Josué, inclui até mesmo neste território "Baal-Gad, no vale do Líbano". Embora não se saiba ao certo onde esta cidade,

o ponto norte das terras da nação judaica, várias hipóteses apontam para o sul do vale do Bekaa, no Líbano.

Na Bíblia, o Líbano também é frequentemente associado às magníficas florestas de cedros que crescem nas encostas de suas montanhas. Mencionada em 75 ocasiões, esta árvore, que hoje aparece na bandeira libanesa, representava na época um recurso econômico chave para o Oriente Médio. Salomão o usou para construir o templo de Jerusalém, o lugar mais sagrado do judaísmo antigo, mas também o palácio do sábio soberano. Para realizar essas construções, Salomão enviou várias dezenas de milhares de judeus ao rei libanês Hiram de Tiro para transportar os preciosos troncos.

A reputação de beleza das florestas de cedro do Líbano aparece em alguns dos versículos mais poéticos da Bíblia. É o caso do Salmo 92, onde se diz que os justos "se elevam como o cedro do Líbano" e prosperam apesar da idade, como essas árvores "cheias de seiva e verdes" (Sl 92,13-15). No Salmo 104, as florestas libanesas se tornam uma imagem da perfeição da criação divina: "As árvores do Senhor são saciadas, os cedros do Líbano, que ele plantou. Ali aninham as aves» (Sl 104,16-17).

No Cântico dos Cânticos, as riquezas do Líbano ressoam no canto de amor do marido à sua amada. Expressando toda a sua sensualidade e desejo, o homem se maravilha com a beleza de sua esposa, comparando sua boca com o leite e o mel e afirmando que "o aroma de [seus] vestidos é como o aroma do Líbano" (Ct 4,11). O amado promete a sua amada levá-la para visitar os picos do maciço libanês, "fonte dos jardins, poço de águas vivas que brotam do Líbano" (Ct 4,15). E ela, por sua vez, contempla o objeto de seu amor, parando em suas pernas, "colunas de mármore sobre bases de ouro puro", cujo aspecto "é o do Líbano: como o cedro, sem rival!" (Ct 5,15). A beleza da terra libanesa também inspira os profetas Ben Sira, Oséias e Nahum, que exaltam seu perfume, a fama de seu vinho e a delicadeza de sua flora.

Um espelho do poder divino

O profeta Isaías, por sua vez, vê no verde Líbano um testemunho da força natural que só Deus pode dominar. "O Senhor, Deus dos exércitos, quebra os galhos com violência: os maiores são cortados, os mais altos são derrubados; derruba com o ferro os matos da floresta, e o Líbano cai sob o Poderoso" (Is 10,33-34). Da mesma forma, "a voz do Senhor quebra os cedros do Líbano" (Sl 29,5), e seu poder os faz ondular como "espigas" (Sl 72,16). Por sua vez, o profeta Jeremias afirma que Deus seria capaz de transformar os picos brancos do Líbano em um deserto infértil (Jr 22,6).

Várias referências associam o Líbano à sua fauna, e Isaías menciona a presença de leões e leopardos em suas montanhas. Nos picos libaneses também se encontra a "grande águia, de grandes asas, de imensa envergadura, de plumagem espessa e colorida", mencionada por Ezequiel, que domina "a copa do cedro" (Ez 17,3). Uma grandeza natural notável que, muitas vezes, se curva diante da onipotência divina: "O Líbano não seria suficiente para o fogo, nem seus animais para o holocausto", assegura Isaías para exaltar ainda mais a grandeza divina, ainda mais imensa que a "glória do Líbano" (Is 40,16; Is 35,2).

E no Novo Testamento?

Embora o Líbano não seja explicitamente mencionado no Novo Testamento, ele pode aparecer nele. A cidade de Caná, onde Jesus realiza seu primeiro milagre, transformando água em vinho durante um casamento, pode corresponder às cidades de Qana, no sul do Líbano, mas também às de Kafr Cana e Khirbet Cana, em Israel.

Os arqueólogos não se pronunciaram sobre o assunto, mas Antonio Andary, da Fundação Maronita, defende a hipótese libanesa. Além disso, ele considera que Jesus também teria visitado território libanês em outras ocasiões, em particular durante seu encontro com a mulher cananeia, que, segundo ele, teria ocorrido perto de Sidon.

Finalmente, afirma que a Transfiguração pode ter ocorrido no topo do Monte Hebron, uma montanha de Golã que pertence em parte ao Líbano e à Síria (mas que é ocupada por Israel desde 2024). No entanto, o lugar tradicionalmente aceito é o Monte Tabor, em Israel.

Fonte: Aleteia
